



## REUNIÃO PÚBLICA EM VERDELÂNDIA (MG)

**Entrevistadores:** Caroline Cunha Rodrigues, Marina Mesquita Camisasca, Robson Sávio Reis Souza e Thiago Lenine Tito Tolentino.

**Data:** 06 de junho de 2017.

**ROBSON:** Pessoal então boa tarde né para todas e para todos o meu nome é Robson Savio tá, aqui em Minas Gerais eu coordeno a Comissão Estadual da Verdade que chama Comissão da Verdade em Minas Gerais, nós hoje estamos aqui na Câmara Municipal tá queremos agradecer o vereador que nos acolheu, o vereador Almir tá o presidente do sindicato dos trabalhadores também está presente aqui conosco, o professor Carlos Dayrell daqui a pouco ele vai fazer uma apresentação para todos nós aqui falar um pouquinho e qual que é o motivo dessa nossa vinda aqui hoje? Nós sabemos de todas as questões que envolveram violência contra trabalhadores rurais aqui nessa região, não é verdade? Principalmente na época da ditadura militar teve aquele massacre aqui no ano de 1967 não é isso mesmo? Que muitos aqui devem lembrar então o motivo dessa nossa reunião aqui é ouvir de vocês os relatos dessas violências que aconteceram contra os trabalhadores rurais, vocês narraram ai para a gente que tipo de violência que aconteceu, quando foi, quem foram os mandantes se vocês souberem né principalmente nesse período que vai de 1960 até 1988 que foi quando teve a Constituição Federal, é claro que se vocês souberem de outros casos fora desse período vocês tem toda liberdade para tá falando para a gente também, esse material vai ser todo registrado por isso que nós estávamos ali tentando montar aqui a nossa câmera de vídeo e vai ficar na memória num memorial de direitos humanos que o Estado vai fazer que vai conter a violação de todos os seguimentos que foram vítimas de alguma violência ao longo dos tempos e também vai ajudar a comissão da verdade que é a nossa comissão de narrar um pouco das violências que aconteceram contra os trabalhadores rurais em Minas Gerais, então o caso aqui de Cachoeirinha antes era Cachoeirinha né isso mesmo? Depois mudou para Verdelândia não é verdade? Então o caso aqui de Cachoeirinha é um caso muito importante para a gente, porque ele é muito falado, mas ainda é pouco registrado e conhecido e além aqui de Cachoeirinha a gente sabe que teve violência envolvendo trabalhadores rurais em toda região, toda essa região aqui do Norte de Minas. Então o que vocês puderem falar que vocês lembram né de memória disso daí, narrar quanto mais detalhes que vocês

puderem dar para a gente melhor. Tipo assim quem foram os mandantes, os nomes, quais foram as datas que aconteceram, como que aconteceu o evento se teve a participação de policial, de juiz, policial civil, policial militar, se teve ou não teve, se teve a participação de algum político local e como é que isso se deu todos esses detalhes para a gente é importante para que a gente possa narrar os fatos que aconteceram aqui, registrar isso em documento tá bom. Vocês podem ficar tranquilos esse material é um material que vai servir então para compor um banco de memória da história dos trabalhadores rurais daqui tá não vai ter nenhuma perseguição sobre isso daí, vocês podem ficar sossegados né podem confiar no trabalho da comissão da verdade e quando vocês vierem aqui falar vocês identificam direitinho, falam o nome completo, a idade, onde que atua e ai pode fazer a narrativa do que vocês conhecem desse período a gente pode combinar assim? Aí nós vamos fazer o seguinte, vou passar a palavra para o professor Carlos que vai falar um pouquinho também fazer uns agradecimentos né de várias pessoas aqui que ajudaram a organizar esse nosso encontro e depois nós vamos passar a palavra para algumas pessoas, essas pessoas que viveram aquele período a gente vai ouvir cada um falar o que achar importante e depois a gente vai fazer algumas perguntas para as pessoas se for o caso, podemos combinar assim? Alguém tem alguma dúvida sobre esse trabalho nosso? Sobre a Comissão da Verdade? Quer algum esclarecimento? Ou a gente já pode começar? Podemos começar? E se vocês tiverem dúvidas a qualquer momento vocês podem perguntar tá, nos perguntar pedir algum esclarecimento e nós temos obrigação de esclarecer de informar direitinho para que vocês também não tenham nenhuma dúvida desse trabalho nosso tá ok? A minha equipe que está aqui é a Caroline tá aqui do lado tá, o Thiago aquele ali e a Marina nós estamos vindo então lá de Belo Horizonte né e fazemos parte então dessa subcomissão dos trabalhadores rurais e nós estamos tendo aqui o apoio além do professor Carlos Dayrell de 02 outros pesquisadores historiadores que é o?

**AURI:** Auri.

**ROBSON:** O Auri.

**ANDREY:** Andrey.

**ROBSON:** Andrey que também estão trabalhando com essa pesquisa escrevendo para as universidades um pouco dessas histórias então eles estão aqui também porque eles vão nos ajudar nesse trabalho e estão também coletando informações para o trabalho que eles estão fazendo está certo? Queria falar para o presidente que ele fique à vontade também a qualquer momento para participar, intervir dar suas opiniões e o vereador o

Almir que ele deve ter dado uma saída que nos possibilitou esse encontro aqui na Câmara tá ok? Eu vou passar então para o professor Carlos, que vai fazer algumas considerações.

**CARLOS:** Boa tarde gente, então o meu nome é Carlos Dayrell pessoal muita gente me chama de Carlinhos eu trabalho há muitos anos no CAA e atualmente eu estou fazendo, estudando na Unimontes né e a gente está aqui pelo CAA e pela articulação (trecho incompreensível) pessoal nos incumbiu de participar de uma comissão que ela é paralela né que ela tem os mesmos moldes da Comissão Estadual da Verdade de Minas Gerais que é Comissão Verdade e Memória Grande Sertão, que também tem esses objetivos e que a gente vai estar aprofundando mais no estudo e no relato desses casos e principalmente na construção e intervindo, procurar intervir na construção de políticas de reparação né e também esse é inclusive é um dos objetivos da Comissão Verdade e Memória de Minas Gerais também. A gente está aqui porque, a pedido né da Comissão Verdade e Memória de Minas Gerais que pediu para a gente ajudar a mobilizar e aí nós repassamos essa incumbência para o povo daqui, então a gente agradece muito ao senhor Juraci a gente ligou para ele se ele poderia arrumar um lugar e chamar as pessoas e estamos todos aqui a gente agradece também ao pessoal da liga, nós temos um diálogo com eles, eles inclusive eles estão num processo de preparação de organização de um evento que vai celebrar os 50 anos do massacre de Cachoerinha né, então depois inclusive eles querem explicar sobre esse evento então a gente agradece todo o empenho e mobilização de vocês a gente vendo pessoas de muitos anos né dona Zuína, seu Adão Lalau , seu Carolino né os parentes de Sula que estão aqui a gente sabe da história né que Cachoerinha é um palco de luta e de resistência que é importante para todo o Norte de Minas Gerais e acho que toda a luta dos camponeses do Brasil, acho que aqui expressa essa resistência, essa capacidade de ficar no lugar e de não desistir. Então a gente espera então que esse trabalho ele possa contribuir também com essa luta de vocês, então eu agradeço muito nós seria bom se a gente pudesse falar rapidamente só o nome para a gente ter ideia das pessoas que estão aqui, então se a gente, porque depois as pessoas vão ter espaço de cada um fazer a sua entrevista e depois vai ser aberto para o debate, pode ser assim? Então a gente pede para as pessoas levantarem e falar o nome.

**CARLOS:** Certo, pode falar o nome.

**CARLOS:** Pode ir.

**CARLOS:** Como?

**CARLOS:** Efigênio isso.

**CAROLINO:** Carolino.

**ROBSON:** Seu Carolino.

**ZUÍNA:** Dona Zuína que o Carlinhos já me conhece há muitos anos.

**ROBSON:** Muito bom.

**CARLAILE:** Carlaile.

**ROBSON:** Carlaile, muito bem Carlaile.

**ADÃO:** Adão Alves Barbosa.

**ROBSON:** Conhecido como Adão Lalau?

**ADÃO:** É.

**ROBSON:** Isso.

**JAIR:** Jair Alves Rosa.

**ROBSON:** Seu Jair.

**CLAUDETE:** Claudete Pereira da Silva.

**ROBSON:** Dona Claudete.

**CLAUDETE:** Pereira da Silva.

**ROBSON:** Dona Preta.

**JURACI:** Juraci.

**ROBSON:** Juraci.

**ANDRE:** André.

**ROBSON:** André.

**GERALDO:** Geraldo.

**ROBSON:** Geraldo.

**FARLEY:** Sou Farley do IDENE de Montes Claros.

**ROBSON:** Farley do IDENE.

**ANDREY:** Andrey.

**AUREY:** Aurey.

**ROBSON:** Lá nós temos?

**TEÓFILO:** Teófilo.

**ROBSON:** Seu Teófilo né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Você que é o filho do sr. Sula né?

**CARLOS:** É um prazer viu seu Teófilo.

**GENILDO:** Genildo.

**ROBSON:** Genildo.

**NASSIP:** Nassip do CAA.

**ROBSON:** Nassip?

**ALMIR:** Almir.

**ROBSON:** Almir.

**THIAGO:** Thiago.

**MARINA:** Marina.

**CAROLINE:** Caroline.

**CARLOS:** Bom, então, agora conhecemos todo mundo o nome, agora vamos ao importante né que é as entrevistas que vão ser feitas aqui individualmente e depois que vai abrir para o debate tá bom?

**ROBSON:** Então nós vamos chamar então quem foi o escolhido para ser o primeiro para estreiar aqui no microfone? Foi o seu?

**MARINA:** Dona Zuína.

**ROBSON :** Dona Zuína. Então a senhora pode chegar aqui por gentileza dona, pode vir aqui por gentileza tá bom, a senhora pode sentar aqui.

**CAROLINE:** Nome completo, idade também, data de nascimento, de onde que é.

**CARLOS:** Lembrando gente era para tá aqui doutor Afrânio ele saiu um advogado aqui que ajudou muitos né, advogou na defesa dos direitos dos trabalhadores dessa região a gente conseguiu encontra-lo a comissão fez o contato conseguiu que a gente comentou em alguns lugares o pessoal tinha vontade de encontrar com ele e com Luizinho, o Luizinho teve um problema, aliás o Chaves teve um problema ele não vai poder tá amanhã e o doutor Afrânio ia chegar hoje, mas só que o avião dele teve um problema então ele, ele vai tá só amanhã em Montes Claros então quem for amanhã em Montes Claros vai ter a oportunidade de encontra-lo.

**ROBSON :** A senhora podia falar então primeiro o nome completo.

**JESUINA:** O nome mesmo?

**ROBSON:** O nome.

**JESUINA:** Meu nome é Jesuína Soares de Moura.

**ROBSON:** E qual que é a idade da senhora?

**JESUINA:** É, tenho 81.

**ROBSON:** 81 a senhora sabe assim de cor a data de nascimento ainda?

**JESUINA:** Ué dia 02 de junho de 1930.

**ROBSON:** 1930 e aí o que a senhora tem a dizer para a gente sobre a luta dos trabalhadores aqui de Cachoeirinha?

**JESUINA:** O gente é muitas coisas, muitas coisas e eu lembro, outras eu não lembro mais.

**ROBSON:** Sei.

**JESUINA:** Sei que já foi em 1960 que foi o despejo aqui certo, em 1960 eu posso confirmar com um amigo?

**ROBSON:** Tá pode, tá não tem problema não.

**JESUINA:** É mesmo seu Carolino?

**ROBSON:** É 1960 que foi...

**CAROLINO:** 1966 ou 1967.

**JESUINA:** 60 né?

**ROBSON:** 66 e 67.

**JESUINA:** 66 mais ou menos assim, eu sei que todo mundo morava nessas terras aí, essas terras não tinha dono, essas terras falava-se que era terra do Estado. Nós mesmo veio pra aí nós é de uma cidadezinha perto de São João da Ponte né nós é de lá nós veio encontrou um lotinho aqui e veio e quando nós tava com 02 anos que nós tinha chegado, chegou um cara aí chamado Georgino pegou e foi fazer o despejo já foi logo queimando as casas nossa tudo e sei que queimou casa, gente para não morrer foi preciso sair do local, nós tinha uma casinha aqui na rua foi preciso nós vim para essa casinha aí, aqui na Cachoeirinha e ficamo aí e agora os amigo nosso ficou tudo aí jogado nós tinha uma casa o quintal era grande e os amigo para não morrer de fome porque eles queimaram o que tinha tudo, todo mundo ficou sem nada, sem nada de porco, gado, os mantimento que nós tinha eles queimaram tudo depois eles pediram nós o quintal para ficar ao menos para dormir sossegado nós demo ele esse quintal ficou lá mais ou menos uns 8 dia esse pessoal no quintal nosso para dormir, e aí eles queimaram tudo, tudo que tinha eles queimaram mandado do Georgino, coronel Georgino, e os jagunço um chamado de Juju, Juju e grileiro era Manoelito, chamado Manoelito, outro meu Deus como é que tá, Georgino, Manoelito, um João Antonio veio que tinha aí, João Antonio eu sei que morreu, morreu um companheiro nosso chamado Juarez, morreu um eles matou um compadre nosso chamado Juarez, matou um companheiro nosso chamado de Antonio, como é que chama seu Carolino? Antonio Manso, chamado de Antonio Manso, matou um homem que ele andava trabalhando ele tinha umas cachorrinha chamava assim o homem das cachorrinha que ele andava com as cachorrinha, matou ele, matou finado Alcino, homem trabalhador finado Alcino, esse que matou chamava Antonio de Manoelito, o jagunço que matou e quem matou o finado Antonio Manso foi um homem chamado de Juju ele morreu

pouco tempo que ele morreu. Eu sei que quando passou uns 5 anos que nós tava aqui apareceu uma doença chamada sarampo, mas não era doença, não era sarampo era fome morreu aqui uns 60 e tanto criança que morreu de fome e eles veio melhorar para nós para a gente ter um sossego ao menos da gente dormir sossegado, mataram Antonio Manso, Antonio Manso, matou Martim Fagundes, Martim Fagundes eles matou ele também era o líder nosso que eles mataram também, e daí para cá a gente veio pode falar do...

**ROBSON:** Pode, fique à vontade.

**JESUINA:** Claro já tinha dado uns 10 anos mais ou menos que a gente tava nesse sofrimento não podia sair para trabalhar, não podia sair nem para pegar um pau de lenha, não podia nada ninguém podia nem sair na rua que os jagunços de Manoelito tava tudo aí eles vieram morar aqui os jagunços. Depois já tinha 10 anos apareceu um hominho que esse hominho é filho de Deus esse homem é filho de Deus, todo dia que eu vou dormir eu agradeço a Deus primeiramente e agradeço a Deus por ele um homem chamado de Luizinho Chaves, esse homem foi que tirou nós do sufoco, ele chegou aqui o coronel Georgino tava aqui na rua com um tanto de polícia esse dia era para fazer um ato público aqui não pode fazer porque as polícia não deixava tampou a Cachoeirinha de um lado e de outro tudo quanto é lugar que tinha saída eles botaram polícia para poder matar os posseiros. Daí o líder nosso chamado Jadé ele saiu foi buscar o recurso para nós, depois ele chegou aqui com esse Luizinho Chaves e Luizinho Chaves chegou já foi para fazer uma reunião para nós lá na igreja e lá na igreja e depois eles chegaram, o coronel Georgino a rua tava cheia de polícia para poder era só um sair fora eles falava que matava, depois o Luizinho Chaves chegou numa esquina ali deixou o carrinho lá dele que tava com um carrinho parece até que era um golzinho branco e chamou os posseiros aqueles que tava na casa para gente fazer uma reunião na casa de um amigo ali a gente depois é, o Luizinho esqueceu uma pasta no carro, na porta da igreja que era a reunião e depois tinha um delegado do sindicato chamado Clarino esse era o delegado do sindicato chamado Clarino e depois esse Luizinho Chaves foi para reunião quando chegou lá ele esqueceu uma pasta dentro do carro ele voltou foi pegar a pasta quando ele chegou no carro que foi pegar a pasta o coronel Georgino mandou prender ele. Ele falou assim: "Pode entrar dentro do carro", aí o coronel Georgino tá lá na delegacia falou que você fosse lá, o Luizinho falou assim com as polícia, falou assim: "Pode entrar dentro do carro que nós vamos lá", quando chegou lá o Luizinho Chaves esse aí foi que ele contou pra nós, ele contou para nós, primeira vez que ele veio aqui a primeira vez que ele veio aqui

contou para nós, daí eu vi as polícia entrando dentro do carro só não sabia o que foi que eles falou com ele, eu vi ele mandando as polícia entrar dentro do carro, as polícia entrou dentro do carro e eu fui depressa lá para a reunião falar com o pessoal que o advogado, a polícia tinha pegado o advogado tinha botado dentro do carro e tinha ido para a delegacia, depois chegou lá o coronel Georgino tava, o grileiro, o maior grileiro que existiu aqui, chegou lá falou assim: “Cê mandou os pessoal entrar nas minha terra?” O Luizinho falou: “Não, eu não sou homem para isso não, eu não sou homem para isso para mandar ninguém entrar em terra de ninguém, não tenho essa lei não.” Dai ele falou assim: “Quem foi que chegou aqui primeiro? Quando cês chegou eles já estava ou foi, quando cês chegou eles tava ou quando eles chegou cês tava?”, Ele falou: “Não, quando eu cheguei eles já estavam.” Ele falou i: “Pois é eu estou aqui é para isso, queria mais alguma coisa?”, “Não é só para a gente saber”. “Cê queria só isso?”, “É”, “Quer dizer que quando cês chegou eles já tava?”, “Tava”, “Não foi depois que cê tava que eles chegou não?” “Não”, pois é só isso, mais alguma coisa?

**MARINA:** Isso significa que vocês estavam antes do coronel né? O coronel chegou depois?

**ROBSON:** Os trabalhadores chegaram primeiro? Coronel Georgino é que chegou depois?

**JESUINA:** Depois, o coronel Georgino chegou depois, quando ele chegou todo mundo já era morador todo mundo já tava morando na aldeia ele chegou queimou tudo e matou um bocado, esses que eu já falei que ele matou que eu tô lembrado, mas parece que matou mais, mas que eu tô lembrando é só isso aí, que eles matou, o Martim Fagundes era o líder nosso daqui.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Quando o coronel chegou, qual o argumento que ele falou para vocês para tomar a terra de vocês?

**ROBSON:** Quando o coronel Georgino chegou aqui o que ele falou para os trabalhadores para pegar as terras?

**JESUINA:** Falou que pudesse tirar, pudesse sair tudo que era dele e todo mundo é, tirou e botou jagunço lá para poder ir logo né, tirando os trem tudo e ainda tirando os gado, chamava tinha um posseiro velho chamado de seu Cassimiro ele criava assim umas 10 vaquinha eles reuniram esse gado ali na beira do rio num bebedor que tinha, um bebedor e o gado tava bebendo e ele chegou e atirando nesse gado e esse gado quetou para lá, eles atirava era em tudo quanto é coisa eles atirava, o cara chamava Juju e tinha um

outro homem de Manoelito também que era junto com eles também os outros eu não fiquei sabendo muito do nome não.

**MARINA:** E o padre? Tinha algum padre que ajudava vocês? A igreja ajudou de alguma forma?

**JESUINA:** Sou surda.

**ROBSON:** Tinha algum padre, alguém da igreja que ajudava os trabalhadores ou não?

**JESUINA:** Padre José, ele vinha aqui, não que eu ficava sabendo que ele tava viajando através mas ele vinha aqui consolava o povo né, celebrava a missa e ficava falando: “Não isso aí, isso vai melhorar, Deus tá com nós”, e foi o padre José de Varzelândia, padre José.

**ROBSON:** O dia que aconteceu...

**JESUINA:** Tinha a missa aqui de padre José, tinha a missa o primeiro dia que começou isso tinha missa aqui o povo uns casando outros batizando gente aquela festona que começou bem esse dia começou.

**ROBSON:** E no dia em que chegou esse jagunço aqui o pessoal saiu correndo como é que foi?

**JESUINA:** Correndo, correndo, correndo.

**ROBSON:** E ficou andando pelo mato, durante uns dias?

**JESUINA:** Correndo tudo para dentro do rio um cado deles correu para dentro do rio, outros tinha amigo ficava assim escondido na casa dos amigos né, mas no mais atravessaram o rio para o outro lado e foram ficando inclusive tinha uma família de gente aqui do Amargoso do Agreste, eles atravessaram o rio por outro lado ficou lá, inclusive teve um parente de Calista, que é meu marido, tava doente com febre ficou arranchado na beira do rio e morreu porque com febre dormindo nas moita, ele era aqui do Amargoso.

**MARINA:** Qual que era o nome dele?

**ROBSON:** O nome dele? O nome?

**JESUINA:** Eu não sei, o marido de Efigênia, seu Carolino, o marido de Efigênia o senhor lembra.

**CAROLINO:** Fernando.

**ROBSON:** Fernando? Fernando?

**JESUINA:** Fernando de Efigênia, a mulher dele chamava Efigênia, Fernando é isso mesmo.

**ROBSON:** Tá viva ainda?

**JESUINA:** Han?

**ROBSON:** Tá viva ainda?

**JESUINA:** A Efigenia tá, mora no Agreste, é no Agreste? **CAROLINO:** Na Ressaca.

**JESUINA:** Na Ressaca, pois é ela é viva é parente do meu marido Efigênia.

**ANDREY:** E tinha algum, o prefeito, um deputado, algum político ajudou a senhora?

**JESUINA:** Prefeito não, não conheci se tivesse era (trecho incompreensível). Não conhecia não, aqui não era municipalizado.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ele falou que era até, (trecho incompreensível).

**JESUINA:** Aqui não era municipalizado.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**JESUINA:** Não conhecia vereador aqui, eu não conhecia prefeito não tinha, se tivesse era lá para Varzelândia.

**GENILDO:** O pessoal contava que na época tinha muito policiamento aqui também.

**JESUINA:** Demais, demais.

**GENILDO:** As polícia estava a favor do trabalhador ou a favor do Coronel?

**ROBSON:** As polícia, os policiais eles estavam ajudando o coronel ou os trabalhadores?

**JESUINA:** Ajudando o coronel Georgino.

**ROBSON:** E eles estavam uniformizados de policiais?

**JESUINA:** Com certeza ué, com certeza, com certeza era para matar os posseiros, eles queriam matar os posseiros, quer dizer que a gente não fazia reunião que era só a gente começar a fazer uma reunião para tomar uma providência as polícia chegava e ninguém não podia conversar um com outro não a gente não podia conversar se tivesse 2 ou 3 posseiros ali reunido as polícia passava a gente tinha que sair um prum canto e outro por outro porque não podia conversar, nem mulher lavando roupa no rio não podia uma conversar com a outra, não podia não.

**ANDREY:** Ficou sabendo se um desses jagunço, policial foi ferido por posseiro?

**ROBSON:** Algum jagunço do coronel Georgino ou algum policial foi ferido por posseiro?

**JESUINA:** Não, não nunca fiquei sabendo.

**ROBSON:** Os trabalhadores usavam armas?

**JESUINA:** Trabalhador não feriu ninguém não.

**ROBSON:** Não?

**JESUINA:** Não, não eles é que mataram o chamado de Juju, outro chamado de Antonio de Manoelito que a gente conheceu, um era Juju o outro era Antonio de Manoelito que

matou, Juju matou Antonio Manso e o Antonio de Manoelito matou o finado Alcino, matou e mais eu não tô lembrado.

**ROBSON:** E essas crianças que morreram uns 10 anos depois, não tinha nenhuma assistência médica, os trabalhadores ficaram...

**JESUINA:** A de Varzelândia veio tinha (trecho incompreensível) eles trouxeram uns médicos e puseram aí deu assistência essas crianças, mas morreu quase tudo, morreu quase tudo.

**ROBSON:** Os médicos chegaram depois que a maioria das crianças já tinham morrido?

**JESUINA:** Já tinha morrido, e morrendo também tava lá cuidando, mas morreu, morreu 60 crianças inclusive uma minha foi... **CAROLINE:** Qual que era o nome dela?

**JESUINA:** Filha minha.

**MARINA:** Qual que era o nome?

**JESUINA:** Deixa eu ver aqui menina, Ivoni minha filha chamava Ivoni morreu, não tinha tratamento, não tinha comida para comer, não tinha nada, não tinha remédio, não tinha nada quando esses médico chegou ela já tinha morrido e aí foi só morrendo, eu sei que deu 60 crianças que morreu.

**ROBSON:** E isso foi mais ou menos em 77?

**JESUINA:** Eita menino isso aí agora que eu não tô nem sabendo se, é mais ué.

**ROBSON:** Foi né?

**JESUINA:** o despejo foi em 60 e...

**ROBSON:** E 6.

**JESUINA:** E 6.

**MARINA:** Estão falando aqui que foi em 67.

**JESUINA:** Foi depois.

**ROBSON:** Foi 67.

**JESUINA:** É.

**ROBSON:** Então não foi 10 anos, foi logo.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Eles já vinham despejando o povo desde antes, o derradeiro despejo foi em 67.

**ROBSON:** E a morte das crianças?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Foi em 67.

**ROBSON:** 67 também.

**JESUINA:** Aí é bom cês ajudar por que a filha minha eu sei que morreu de fome, não tinha nada nem para comer e nem remédio não tinha nada, ela chamava Ivoni.

**ROBSON:** Ivoni.

**GENILDO:** O avô da minha esposa ele também foi despejado, Germano Martins de Oliveira lá do Amargoso e ele foi despejado, ele comprou uma propriedadezinha depois do despejo em 1972 isso significa que realmente foi feito em 60 e poucos o despejo.

**JESUINA:** Nessa época todo mundo ficou quase doido correndo para casa do outro, então muitas coisas ninguém nem via, muitas coisas ninguém nem via, os outros que contava né.

**ROBSON:** E depois que aconteceu esse despejo como é que ficou a situação aqui na região? Como é que os trabalhadores faziam? O que aconteceu?

**JESUINA:** Trabalhava tudo longe ué, fui trabalhar aqui perto depois que nem eu tô contando, o Luizinho Chaves chegou esparramou o povo dele tudo não ficou mais polícia aqui não, depois que Luizinho Chaves chegou aqui falou com Luizinho para tirar as polícia tudo e quando foi de tarde que nós olhou na rua não tinha uma polícia, daí agora foi que o povo foi fazendo uma hortinha na beira do rio, foi que foi sobrevivendo não tinha lugar para trabalhar e já podia sair porque a gente ficava quase tudo preso dentro de casa sem poder sair, depois que o Luizinho Chaves chegou aqui foi que ele tomou uma sismazinha foi que tirou as polícia daqui foi que a gente pode trabalhar, apanhar ao menos lenha que nem isso ninguém podia fazer, isso eu não sei quando que foi que o Luizinho Chaves veio aqui gente.

**CAROLINE:** 81?

**MARINA:** Alguém lembra?

**CAROLINE:** O ato foi em 81.

**ROBSON:** O ato que teve aqui perto da igreja foi em 1981.

**JESUINA:** Pois é foi Luizinho mesmo, não foi outro não.

**ROBSON:** Só que o despejo foi em 67, ou seja, foi 13 anos depois é isso mesmo?

**JESUINA:** É, mais ou menos assim.

**ROBSON:** Foi durante 13 anos o pessoal tinha que ficar dentro de casa, não podia trabalhar.

**JESUINA:** Dentro do quarto, é nem para a casa dos parentes não podia.

**ROBSON:** E policial o tempo todo na rua?

**JESUINA:** Tempo todo na rua.

**ROBSON:** Durante 13 anos?

**JESUINA:** O tempo todo aqui não saia não.

**ROBSON:** Jagunço e policial?

**JESUINA:** Jagunço e policial.

**ROBSON:** O pessoal sem poder trabalhar?

**JESUINA:** Sem poder nós trabalhar muito desistiu né foram embora né, porque não tinha o que comer, não podia trabalhar né muitos desistiu e foram embora ficou só um pouco, uma metade ficou, tinha casa né ficou, mas os que não tinha casa que só tinha a casa na roça que não tinha casa aqui foram embora não ficou aqui não. Agora os que ficaram para garantir uma terra esse tempo, foi quem tinha uma casa aqui, mas quem tinha casa só na roça só lá não tinha comoficar , foram embora, sumiu, tem gente que mais nunca a gente viu, amigo da gente.

**GENILDO:** Otino de Freitas, a senhora lembra desse nome?

**JESUINA:** Quem?

**GENILDO:** Otino de Freitas?

**JESUINA:** Seu Otino? Otino né.

**GENILDO:** Otino.

**JESUINA:** É.

**GENILDO:** Que deu nome de Otinolândia e hoje é a Jaíba.

**JESUINA:** É, foi depois, foi depois que ele chegou aqui.

**GENILDO:** É?

**JESUINA:** É, mas ele não era posseiro não.

**GENILDO:** Não tem participação?

**JESUINA:** Não, ele dava conselho ao povo né ele era enfermeiro né ele olhava os povo doente que tava nas casa seu Otino a filha dele.

**GENILDO:** E a cidade na verdade, o cidadão as pessoas que moravam aqui na cidade que não participaram do despejo qual era a atitude deles para com vocês que eram posseiros?

**JESUINA:** Ué os...

**GENILDO:** Apoiava?

**JESUINA:** Os que ficou fazia era caçoada, debochava fazia caçoada que a gente tava com fome né, ficava fazendo era, negando as coisas os filho nosso que não tinha nada ia para rua eles mandava embora para casa. Meus meninos mesmo eu tinha uns três meninos mesmo tinha que ficar dentro de casa que eles não aceitavam na rua não, eles não aceitavam na rua não, mandava embora, os que tinha as coisa né, eu não vou citar o nome deles não, mas tinha muito comerciante aqui né ficava assim: “Vai embora, morto de fome vai para lá para suas casas”, tinha que ir embora os nossos filhos não tinha

direito de brincar com os filhos com dos povo que tinha com que tava ali, eu conheci eles tudo, mas não vou falar os nome não.

**GENILDO:** Então a cidade nem todo mundo apoiou vocês? A maioria talvez até desaprovava a atitude de vocês né.

**JESUINA:** É ué gostava não ficava falando que a gente, falando os nome feio que a gente tava morrendo de fome que nem banho a gente tomava ficava era com nojo de nós né, ficava era com nojo.

**GENILDO:** Debochando?

**JESUINA:** Debochando, nós que era o mais pior do mundo era a gente né, eu sei que essa época foi ruim gente, foi ruim gente para nós, ò Jesus do céu não tinha nada para comer, nem no rio pescar eles não deixava a gente pescar, nada, nada que eles não deixava, tinha um pessoal aqui ele chamava Joaquim e o outro chamava Vicente eles mora Joaquim eu não sei, mas eles mora em Janaúba, falou comigo que eles pegaram ele, levaram para delegacia bateu nele, bateu neles, eles ainda é vivo, eles mora em Janaúba.

**CAROLINE:** É Joaquim a senhora sabe o apelido ou sobrenome?

**JESUINA:** Um chama Joaquim e o outro chama Vicente, eles era menino na época levou eles para a delegacia e bateu a mão deles ficou, um dia desses eles mora em Janaúba ele tava me contando.

**CAROLINE:** Crianças?

**JESUINA:** Não, rapazes.

**CAROLINE:** Rapazes?

**JESUINA:** Rapazes.

**CARLOS:** Eles moram em Janaúba hoje?

**JESUINA:** Hoje, hoje mora em Janaúba.

**CARLOS:** Alguém sabe dessas pessoas? Quem que são elas? Joaquim, Vicente se tem possibilidade da gente procurar eles?

**JESUINA:** Joaquim e Vicente eles é vivo ainda, não tem muitos dias não que eu vi eles, inclusive esse Juju esse que matou Antonio Manso ficou jagunçando aqui muito tempo todo mundo tinha medo dele, todo mundo tinha medo dele inclusive o Vicente mais o Joaquim trabalhava em Janaúba no DER eles fazia estrada, no DER limpando estrada então ele me contou um dias desses não tem muito tempo que Vicente me contou não, falou que eles tava lá limpando a estrada então passou um carrinho preto passou um carrinho preto por eles e depois rompeu assim uma distância assim 3 ou 4 quilômetros

daí eles viu a poeira do carro, que o carro caiu na pirambeira e caiu lá embaixo assim e rolou que eles viu a poeira, daí eles falou assim: “Ué parece que aquele carro caiu, vamos lá olhar”, “Vamos”, disse que o pessoal do DER estava trabalhando é muitas pessoas né, foi lá chegou lá era esse Juju a própria que tinha batido neles morreu lá de acidente no carro, ele me contou.

**ROBSON:** Dona Jesuina nós vamos agradecer a senhora então pelo depoimento, a gente vai ouvir mais alguns companheiros e se for o caso daqui a pouco a gente chama a senhora de novo tá bom?

**JESUINA:** Esse caso que eu estou contando...mas eu esqueci foi muito rapaz, estou contando só um pouquinho que eu falei né.

**ROBSON:** Tá, tá certo muito obrigado tá.

Aplausos.

**GENILDO:** Na hora que os outros forem falando a senhora vai se lembrando.

**ROBSON:** Nós vamos então dar sequência aqui queria só registrar a presença chegou aqui o doutor José Francisco que é o secretário, o subsecretário de direitos humanos do Estado de Minas Gerais tá? Ele também está participando aqui está vindo de Belo Horizonte.

Aplausos.

**ROBSON:** Depois ele também dá uma palavrinha aqui para todos nós. Quem foi o segundo então, quem vai ser o segundo que vai falar para a gente? É o seu?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Adão.

**ROBSON:** Adão, seu Adão, seu Adão pode vir aqui seu Adão. Senta aqui seu Adão fazendo um favorzinho então o senhor podia falar primeiro o nome completo para nós.

**ADÃO:** Meu nome é Adão Alves Barbosa.

**ROBSON:** Nós vamos só pedir todo mundo para ficar assim bem em silêncio para gente conseguir gravar e captar o áudio senão o seu Adão fala baixinho não é seu Adão?

**ADÃO:** É.

**ROBSON:** Para todo mundo ouvir o que ele vai falar, é Adão?

**ADÃO:** Alves Barbosa.

**ROBSON:** Alves Barbosa qual que é a idade do senhor seu Adão?

**ADÃO:** 80.

**ROBSON:** 80 anos?

**ADÃO:** É.

**ROBSON:** Tá, e o que o senhor tem para falar aí para a gente sobre a luta dos trabalhadores rurais aqui?

**ADÃO:** Essa luta aqui foi uma luta intensa aquele lugar de muito trabalhador e de muita resistência e chegou um tal de coronel Georgino Jorge de Souza comandante do 10º batalhão de Montes Claros chegou com policiamento aí, pôs todo mundo para fora, queimou casa, matou gente e daí para cá virou a violência direta pro povo né. Aqui era lugar que o pessoal era unido, pessoal tudo que nasce no lugar esse, não tinha desavença nenhuma aí, isso foi em 66. Aí chegou Luiz Chaves aqui e pôs eles pra fora, nós entramos em (trecho incompreensível) junto à FETAEMG, a CUT, demais entidades, Liga (trecho incompreensível) quando foi em 87 nós recebemos a fazenda e daí para cá estamos aí até hoje, mas (trecho incompreensível) os companheiros que eles mataram e violentaram todo mundo.

**ROBSON:** E sobre esse acontecido em 67 o que o senhor lembra para contar para a gente? Como é que foi? Em 67 como é que foi o que aconteceu? O que o senhor lembra para contar?

**MARINA:** Do despejo.

**ROBSON:** Do despejo, como é que aconteceu?

**ADÃO:** O despejo aqui foi o seguinte eles chegou aqui com o batalhão de polícia pondo todo mundo para fora, queimando as coisas das casas tudinho, derrubando casa, botava retroescavadeira nas casas derrubava tudinho, teve mulher que queimou até a cabeça com panela quente e comida na cabeça, queimava a comida e por aí ele tirou todo mundo.

**ROBSON:** E quem era esse grupo que chegou aqui? Quem que era esse pessoal? Era o coronel Georgino e mais quem?

**ADÃO:** Coronel Georgino, Manoelito e os pistoleiro dele né.

**ROBSON:** Sei, e tinha participação, por exemplo, de policial nessa turma?

**ADÃO:** Coronel trazia polícia demais, ele era comandante do 10º batalhão de Montes Claros.

**ROBSON:** E o senhor lembra de algum nome de policial?

**ADÃO:** Lembro não.

**ROBSON:** Sei.

**ADÃO:** Ele tinha poder de pegar a polícia e mandar a polícia lá né.

**ROBSON:** Sei.

**MARINA:** E das pessoas que morreram, o senhor lembra os nomes?

**ROBSON:** E nomes de pessoas que morreram o senhor lembra de nomes?

**CARLOS:** Que foram matadas.

**RONSON:** É pessoas que foram mortas.

**ADÃO:** Martinho Fagundes.

**ROBSON:** Martinho Fagundes. **ADÃO:** Ursino.

**ROBSON:** Ursino?

**ADÃO:** É.

**ROBSON:** Ursino tem sobrenome dele? Ursino de que?

**ADÃO:** Lembro o nome dele não.

**ROBSON:** Tá, mais quem?

**ADÃO:** Antonio Manso.

**GENILDO:** Ursino Cardoso.

**ROBSON:** Ursino Cardoso?

**ADÃO:** É.

**ROBSON:** Antonio Manso.

**ADÃO:** É. **ROBSON:** Mais quem?

**ADÃO:** Tinho o moço que morava lá, (trecho incompreensível) Juarez cachorrinha né, eu não tenho o nome dele não.

**ROBSON:** Juarez.

**ADÃO:** Juarez também eles mataram.

**ROBSON:** Juarez?

**ADÃO:** É.

**ROBSON:** Mais quem? Lembra de algum?

**ADÃO:** Tô lembrado não.

**ROBSON:** Sei, tem mais alguma pergunta para o seu...

**CARLOS:** Na época o senhor morava, aonde que era a posse do senhor?

**ADÃO:** Na época a gente morava onde é a posse do meu pai.

**ROBSON:** É?

**ADÃO:** É, o veio meu pai tirou um pedaço dela metade do sítio dele lá depois ele era amigo de um moço que morava lá perto de Montes Claros, tinha fazenda lá perto de Montes Claros um senhor com nome de (trecho incompreensível) Rocha falou com o coronel que político não era ladrão que ele mandava matar todo mundo aí, aí ele deixou o veio com um pedacinho de terra lá, nós morava lá.

**CARLOS :** Vocês moravam lá.

**ADÃO:** É, ali era ali.

**ANDREY:** O senhor ouviu falar alguma coisa sobre o Dops? **ADÃO:** Quem?

**ANDREY:** Dops.

**ROBSON:** O senhor ouviu alguma coisa de falar sobre o Dops?

**ADÃO:** Não senhor, não ouvi não.

**ROBSON:** Dops?

**ADÃO:** Não, não ouvi não.

**ROBSON:** Policial que fazia investigação sobre a vida das pessoas?

**ADÃO:** Não, não ouvi não. Se veio eu não conhecia as pessoas né.

**ROBSON:** Ok? Mais alguma questão? Então muito obrigado o senhor viu daqui a pouquinho a gente chama de novo, tá bom.

Aplausos

**ROBSON:** Quem que é o próximo então da nossa lista aqui?

**MARINA:** Seu Carolino.

**ROBSON:** Seu Carolino? Ah o seu Carolino falou comigo que tem muita história para contar, chega cá seu Carolino. O senhor falou comigo que tem muita história para contar agora que nós vamos ouvir então tá bom, isso senta aqui fazendo o favorzinho, isso aqui gente é meio chato, mas é bom falar aqui bem pertinho para gente gravar lá. Fala o nome todo do senhor seu Carolino.

**CAROLINO:** Boa tarde os moço.

TODOS: Boa tarde!

**CAROLINO:** Carolino Alves Barbosa, nasci em 1939 no dia 8 de julho.

**ROBSON:** Pronto e aí o que o senhor tem a dizer para a gente dessa luta dos trabalhadores?

**CAROLINO:** Eu tenho a dizer vocês que nós aqui tudo, nós esse povo veio nascido tudo é trabalhador, é sofredor, nós foi tudo rebaixado aqui com esses fazendeiros, papai mesmo pelo menos eles tomou a metade da terra de papai e matou 45 vaca de papai.

**ROBSON:** Isso foi quando?

**CAROLINO:** Isso foi em 66.

**ROBSON:** 66?

**CAROLINO:** É, aí papai eles queria despejar papai, Crispin da Rocha, Elpidi, Lopes, Junqueira Aguiaris. Eles mandou uma carta para eles que se despejasse João Lalau ia ter outra guerra aqui, porque João Lalau era nativo daqui, que papai nasceu e criou aqui. Minha mãe, o pai de minha mãe é filho de índia nasceu e criou aqui, morreu com 125

anos. O Nicácio chegou aqui para ser cativo, chegou com idade de 15 anos e morreu com 135 anos, Nicácio.

**ROBSON:** O Nicácio é bisavô do senhor?

**CAROLINO:** É bisavô, avô de mamãe e bisavô meu e é ele não chama Nicácio ele chama Valdelice Faria (trecho incompreensível).

**ROBSON:** Sei.

**GENILDO:** Pra vocês entenderem um pouco melhor a fazenda Boa Sorte ela não faz parte da Fazenda Caitité não é, uma fazenda vizinha. Então é outra propriedade é uma propriedade dos nativos, dos Lalau, que eles também queriam entrar na época.

**CAROLINO:** Mas a terra é uma só.

**GENILDO:** Mas não tinha divisão?

**CAROLINO:** Não tinha divisão nenhuma, veio a dividir depois e que eles comprou que aí dividiu né, mas era uma terra só mesmo.

**GENILDO:** Era uma terra junta com a Caitié? A Boa Sorte e a Caitité era uma só?

**CAROLINO:** É uma terra, aqui essa terra começava de lá daqui até chegar no Madureira era uma terra sozinha, essa terra nossa aí.

**ROBSON:** E sobre o que aconteceu aqui em 66 e 67, o que o senhor recorda?

**CAROLINO:** Eu recordo que em 66 o despejo eu carregava os posseiro todo canto para ficar por lá, minha sogra pôs uma panela quente na cabeça chegou lá em casa correndo a ponto de morrer. agora chegou com o IPAN passou na casa do meu sogro e na casa (trecho incompreensível) pegando fogo, queimando os trem todos dele só ficou vestido na roupa do corpo.

**ROBSON:** Então quer dizer que quando eles chegaram aqui os jagunço eles incendiaram as casas dos posseiros?

**CAROLINO:** É eles foi.

**ROBSON:** Colocou fogo?

**CAROLINO:** Colocou fogo queimaram as casas dos coitados.

**CARLOS:** Como chamava o seu sogro que queimou a casa?

**CAROLINO:** Narciso Alves Barbosa.

**CARLOS:** Na?

**CAROLINO:** Narciso Alves Barbosa.

**CARLOS:** Narciso.

**CAROLINE:** E o seu pai qual o nome dele?

**CAROLINO:** Meu pai o nome dele mesmo é José Alves Barbosa, mais conhecido como João Lalau.

**ROBSON:** E depois desse acontecido como a dona Zuina falou ficou cheio de policial?

**CAROLINO:** Ficou cheio, cheio só veio tirar policial daqui isso foi que o moço chegou e tirou tudo.

**ROBSON:** O Luiz Chaves chegou?

**CAROLINO:** É.

**MARINA:** Os senhores foram morar onde? A sua família?

**CAROLINO:** Nós morava lá em cima lá na Fazenda Boa Sorte agora que mudou o nome, nós morava lá, agora o meu sogro morava lá na beira da lagoa em Jaíba.

**MARINA:** Aí vocês foram expulsos e foram para onde?

**CAROLINO:** O dia que ficou expulso eles foi lá para onde tava papai, que aí papai ajeitou eles tudo igual dona Zuina estava falando quem ficou sossegado um pouquinho os outros foi acompanhando eles foi ficando junto, depois a terra não saiu ele saiu para trabalhar fora. Isso aí.

**GENILDO:** Mas quem chegou primeiro? Foram os posseiros ou foram os Lalau?

**CAROLINO:** Quem chegou primeiro aqui, foi o Nicácio que essa família, essa família você vê aqui desse moreno tudo de Nicácio, chegou Nicácio, Chico Moreira e aqui essa família ele saiu da África para ser cativo.

**GENILDO:** Não, eu quero saber o seguinte quando os posseiros chegaram e tomaram posse da Fazenda Caitité ali onde eles está até hoje, vocês já estavam lá ou vocês chegaram junto com os posseiros?

**CAROLINO:** Nós primeiro, primeiro era nós aí os coronel que tirou nós do lugar.

**GENILDO:** Então quando os posseiros chegou vocês já estava lá?

**CAROLINO:** Tava lá, nós é nativo daí moço.

**GENILDO:** Exatamente por isso que estou falando que tinha a Boa Sorte e tinha a Caitité, duas propriedades diferentes.

**CAROLINO:** Pois é nós tudo é nativo daí.

**CAROLINE:** E naquela época vocês tinham um líder além do Martinho Fagundes? Outras pessoas que organizavam a comunidade?

**CAROLINO:** Era o líder, nós tudo era o líder com ele.

**CAROLINE:** Mas além do Martinho tinha outras pessoas?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O Martins e depois o seu Jadé.

**CAROLINO:** É.

**ROBSON:** Além do Martins quais eram os outros líderes? O seu Jadé?

**CAROLINO:** Jadé chegou aqui em 59 no dia 5 de agosto.

**ROBSON:** No dia 5 de agosto?

**CAROLINO:** Hunhum.

**ROBSON:** E ele também foi um líder aqui do grupo?

**CAROLINO:** Foi, foi um líder do dia que chegou ao dia que (trecho incompreensível) direto.

**ROBSON:** Mas o que a senhora lembra?

**JESUÍNA:** Sulino que era daqui também né?

**ROBSON:** Sulino?

**JESUÍNA:** É.

**ROBSON:** Seu Sulino?

**CAROLINO:** É ele era daqui era nativo.

**ROBSON:** Daqui também?

**CAROLINO:** É Sulino era nativo.

**CAROLINE:** Mas só eram essestrês? O seu Sula, o Jadé e o Martinho Fagundes?

**CAROLINO:** É o Martinho Fagundes também era nativo daqui, cumpade Jadé que (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** E tinha outras pessoas para ajudar a organiza-los? Não né?

**CAROLINO:** Não.

**CAROLINE:** Então os coronéis eles miravam nessas pessoas Martinho Fagundes, seu Sula e o Jadél?

**CAROLINO:** É.

**CAROLINE:** O senhor sabe de alguma situação de ameaça? Ou de violência?

**CAROLINO:** A violência que teve muita foi com o coronel Georgino mais Manoelito, as ameaças que teve foi com eles, os nativos aqui não teve ameaça nenhuma, os nativos era tudo unido.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O Martinho eles matou.

**CAROLINO:** O Martinho eles matou ele.

**GENILDO:** Morreu alguém da família do senhor? Dos Lalau? Morreu alguém dos Lalau nesse despejo?

**CAROLINO:** Dessa família nossa o Martinho Fagundes morreu.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Na época das crianças também morreu ou não?

**CAROLINO:** Morreu, criança morreu eu mesmo perdi, perdi 2 filho, 3 filho.

**CAROLINE:** Quais os nomes deles?

**CAROLINO:** Hein?

**CAROLINE:** O nome?

**CAROLINO:** O nome do menino?

**MARINA:** É.

**CAROLINO:** Um chamava Antonio, como é que é o nome do outro gente, a menina chamava Maria e o outro Miro.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Miro?

**CAROLINO:** Miro, chamava Miro.

**CARLOS:** Miro.

**ROBSON:** Agora além de matar esses jagunços, esses policiais praticavam alguma outra forma de violência? Batia nas pessoas? Praticava algum outro tipo de violência?

**CAROLINO:** Eles batia só não batia mais porque a gente corria não podia medir força com eles né porque eles tava com toda força e a gente não tinha nada.

**ROBSON:** E andavam armados?

**CAROLINO:** Eles andavam tudo armado, e os posseiros não tinham direito de ter nem um canivete para cortar uma palha de cigarro.

**ROBSON:** Tomava?

**CAROLINO:** Tomava.

**ROBSON:** A força?

**CAROLINO:** A força (trecho incompreensível).

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Batia nas mulheres também ou só nos homens?

**CAROLINO:** Era em quem chegasse, era homem, mulher, menino levava tudo.

**GENILDO:** Vocês morava lá perto e vocês na época do despejo vocês não saíram, vocês ficaram lá no terreno de vocês não foi isso?

**CAROLINO:** Foi, foi.

**GENILDO:** O pessoal conta, a história conta, as pessoas mais velhas contam aí que disse que o coronel era muito farrista, disse que ele fazia festa lá e disse que muita bebida, muita mulher o senhor lembra alguma coisa nesse sentido?

**CAROLINO:** Eles fazia lá para eles que os outros não ia lá não.

**GENILDO:** Para eles mesmo.

**CAROLINO:** Pois é, os outros podia não ir lá não, fazia para eles.

**GENILDO:** Mas fazia farra mesmo?

**CAROLINO:** Ele fazia, mas nós ia não ué, o que nós ia fazer lá? Cair no pau?

**CAROLINE:** O senhor, provavelmente o senhor sofreu alguma situação específica? Algum dia algum policial teve uma violência contra o senhor, além da expulsão da terra?

**CAROLINO:** Não, teve comigo não teve não.

**CAROLINE:** Algum parente próximo, alguma situação que você consegue descrever para nós? Os filhos, por exemplo, como que eles morreram se o senhor puder falar.

**CAROLINO:** Os menino doeu aqui não tinha médico na época né e foi mexendo aí até morreu os menino pequeno.

**ROBSON:** O que ela perguntou é assim, o senhor sabe contar para a gente um exemplo de como os jagunços perseguiam as pessoas, humilhava e batia. O senhor lembra de algum caso, por exemplo?

**CAROLINO:** Lembro assim não.

**ROBSON:** Não né?

**THIAGO:** Na época do despejo o senhor lembra de nomes de pessoas que morreram?

**CAROLINO:** Lembro, despejo mesmo eu tinha um tio que tava com 115 anos, ele ficou tão desesperado que ele com uns 3 dias ele morreu.

**ROBSON:** Como é que é o nome dele?

**MARINA:** Qual que é o nome?

**CAROLINO:** Tintiliano.

**ROBSON:** Tintiliano?

**CAROLINO:** Hunhum.

**ROBSON:** Ele morreu 3 dias depois?

**CAROLINO:** É.

**ROBSON:** De tanto desespero?

**CAROLINO:** É.

**ROBSON:** E mais quem?

**CAROLINO:** É irmão da minha mãe.

**ROBSON:** E mais quem que morreu?

**CAROLINO:** Foi muita gente veio que perdeu a vida aí com poucos tempos que ficou (trecho incompreensível) nunca saiu do lugarzinho deles.

**ROBSON:** O senhor lembra de mais algum nome?

**CAROLINO:** Alembro, alembro de outro tio meu que chamava Pedro que...

**ROBSON:** Pedro?

**CAROLINO:** Pedro Lalau que é pai daquele primo meu ali.

**ROBSON:** Pedro Lalau?

**CAROLINO:** É irmão do meu pai.

**ROBSON:** Sei, mais algum nome?

**CAROLINO:** Tem o Pedro Cardeiro.

**ROBSON:** Pedro?

**CAROLINO:** Pedro Cardeiro.

**ROBSON:** Cadeira?

**CAROLINO:** Cardeiro.

**ROBSON:** Caldeira?

**CAROLINO:** É.

**ROBSON:** Entendi.

**CAROLINO:** Eles prendeu também daí morreu com 90 e poucos anos.

**ROBSON:** Logo depois?

**CAROLINO:** É.

**GENILDO:** O senhor falou que, teve alguém, citou o nome eu não lembro aí, que deu uma proteção à vocês como é o nome da pessoa? O senhor falou aí que o coronel não mexesse que mexesse com vocês...

**MARINA:** Luizinho.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Luiz Chaves.

**CAROLINO:** Luiz Chaves.

**GENILDO:** Ah foi o Luiz Chaves.

**CAROLINO:** Foi.

**GENILDO:** De onde que o Luiz Chaves conhecia...

**CAROLINO:** Não, mas ele chegou aqui trabalhando a favor da nação toda né, ele chegou foi o compadre Jadé que arrumou ele.

**CAROLINE:** Mas antes do Luiz Chaves a gente perguntou para a Zuína como que ficou aqui. Como que depois do despejo então como foi os anos vivendo aqui em Cachoerinha? O cerco continuou com, como os policiais atuavam? O que se passou na cidade?

**CAROLINO:** Dá onde eles saiu os posseiro (trecho incompreensível) até receber a terra de novo e agora eles tornou a voltar para o mesmo lugar né.

**CAROLINE:** Mas lá na década de 70, imagina assim 1970 a 1980 o senhor se lembra...

**MARINA:** Ficou polícia aqui na cidade?

**CAROLINO:** Eu via polícia, mas não mexia com nós não só que tivesse alguma violência que podia mexer né, mas a violência que tem aqui dentro desse município nosso graças

a Deus por enquanto só tá dando (trecho incompreensível), os nativo acho que eles tem serviço e tem vergonha de trabalhar né, não gosta de mexer com nada dos outros é isso.

**CAROLINE:** Então depois do despejo vocês se organizaram de alguma forma? Ou só na década de 80 que houve uma organização coletiva maior? Em grupo? Vocês tiveram alguma organização depois do despejo ou só espalharam pela expulsão e alguns ficaram sobrevivendo?

**CAROLINO:** É foi depois do despejo que (trecho incompreensível) tudo né.

**ROBSON:** Fala um pouquinho sobre o sindicato aqui dos trabalhadores, como é que é a história?

**CAROLINO:** Sindicato?

**ROBSON:** É, como é que é?

**CAROLINO:** O sindicato dos trabalhadores aqui pra mim por enquanto tá muito bom, que...

**ROBSON:** Mas como é que foi nessa época já tinha sindicato?

**CAROLINO:** Começou o sindicato aqui, mas foi depois do despejo.

**ROBSON:** Tá e como é que foi essa organização? O que o senhor lembra da história? Como é que o pessoal começou a organizar, discutir como é que foi?

**CAROLINO:** O sindicato eu não fiz muito, dessa parte não, que começou do (trecho incompreensível) para cá nós entrou nele, mas assim então só pagava a mensalidade e na hora que tivesse alguma precisãozinha nós procurava.

**ROBSON:** E o que o sindicato ajudava?

**CAROLINO:** Ele dava, ele ajudava mais o sindicato ajudava mais nós pagar eles com meu dinheiro e falava que não fazia nada em favor nosso não.

**ROBSON:** Sei.

**CAROLINO:** Agora os de hoje que nós tem hoje ele aí ajuda nós aqui demais e eu pelo menos não sei os outros eu o serviço que nós tem aqui hoje ajuda nós demais, graças a Deus.

**ROBSON:** O Luizinho Chaves quando ele veio aqui ele não veio foi organizar o sindicato não?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Não.

**CAROLINO:** Não.

**ROBSON:** Não, ele veio fazer o que então?

**CAROLINO:** Ele só veio só sossegar a cabeça dos coitados dos posseiros se não ia sofrer demais.

**ANDREY:** Deixa eu perguntar o senhor, João Gordo lá de Janaúba o senhor já ouviu falar?

**CAROLINO:** Não senhor.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Do sindicato.

**ANDREY:** João Gordo do sindicato de Janaúba ele veio aqui, o senhor.

**GENILDO:** Senhor João Pica-Pau gente.

**ROBSON:** João Pica-Pau?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** É.

**CAROLINO:** Só no dia que veio eu não tava né, que (trecho incompreensível).

**ANDREY:** O sindicato de Janaúba deu uma ajuda.

**CAROLINO:** Aqui quem sabe explicar você de sindicato melhor é compadre Adão que ele trabalhou muitos tempo no sindicato, esse irmão meu.

**ROBSON:** Ah sei.

**CAROLINO:** E daí ele sabe explicar, eu não sei explicar muito, que eu só recordo do sindicato para poder pagar.

**CAROLINE:** Deixa eu te perguntar, para outras pessoas também, a gente tem relato de que pessoas de esquerda da Ação Popular, jovens de Belo Horizonte não eram daqui né, vieram para cá em meados de 1967, 68 para mobilizar vocês para...

**MARINA:** Ficaram alguns meses na região.

**CAROLINE:** Organizar...

**CAROLINE:** Vocês se lembram de algum jovem que não era daqui, que veio para cá durante alguns meses, um grupo de jovens?

**ROBSON:** O senhor entendeu, se o senhor lembra de alguns rapazes lá de Belo Horizonte que vieram aqui para tentar organizar o pessoal? O senhor tem alguma lembrança disso?

**CAROLINO:** Tenho não.

**ROBSON:** Alguém tem alguma lembrança disso?

**CAROLINE:** Oldack Miranda.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Eu posso falar?

**ROBSON:** Pode, pode sim.

**JESUÍNA:** É Luizinho, doutor Afrânio.

**GENILDO:** André Montalvão, que era o presidente do sindicato, da FETAEMG.

**CAROLINE:** É então antes ninguém veio aqui.

**JESUÍNA:** Não, aí não sei não.

**CAROLINE:** Procurando ajuda-los.

**JESUÍNA:** Com Luizinho não.

**CAROLINE:** Não, né? Na década de 60, 67, 68.

**JESUÍNA:** Se ficasse caminhando eles matava, se ficasse caminhando, viajando para chamar alguma pessoa para ajudar nós, eles matava, então ninguém. Só o Martinho Fagundes que andava e eles matou

**CAROLINE:** Então não permitia que chegasse ajuda a vocês?

**JESUÍNA:** Não, eles não permitiam chegasse ajuda.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ajuda que tinha era só Deus o resto (trecho incompreensível).

**ROBSON:** Então nós agradecemos o senhor daqui a pouco a gente chama de novo tá bom.

Aplausos.

**MARINA:** Só um minutinho, deixa ele falar dos relatos das viagens como que os posseiros faziam para viajar né para ir para Belo Horizonte.

**CAROLINE:** Para sair da cidade, da região.

**ROBSON:** Quem vai falar? Tem que falar aqui ò.

**GENILDO:** Ele é filho do senhor Jader. **ROBSON:** Seu?

**ROBSON:** Seu Jader.Vem para cá.

**ROBSON:** Vem para cá, vem para aqui então.

**GENILDO:** Ele era novo na época, mas ele conhece essa história.

**ROBSON:** Vamos lá, então senta aqui esse daqui é homenagem à ele né? O pai do senhor, seu Jader de Paula.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Jader de Paula

**ROBSON:** Jader de Paula pode sentar senhor, tá fala o nome seu então completo, a sua data de nascimento e conta para nós aí a história.

**FRANCISCO:** Boa tarde a todos, meu nome é Francisco da Conceição de Paula sou feito e criado do Barreiro do Rio Verde né e meu pai ele foi um cara muito lutador aqui em Verdelândia através do sindicato de Vazerlândia, do sindicato de Janaúba deu muita força pros posseiros aqui em Verdelândia, que era Cachoeirinha né, e hoje através disso aí meu pai era chamado em Brasília em reunião, esse Luiz Chaves ajudou ele muito também. Luiz Chaves era um advogado forte aí meu pai ele, aí junto com os posseiros lutando aí foi indo até conseguiu derrubar o coronel Georgino. Meu pai lutou 22 anos na justiça contra o coronel Georgino e tinha mais fazendeiro no meio entendeu não era só,

não era só coronel Georgino não era muitos fazendeiros e aí veio o policiamento forte que coronel comandava o batalhão em Montes Claros aí veio fazendo o despejo do povo. Meu pai mesmo ele foi despejado em 67 da terra, ele foi despejado foi na época em que eu nasci.

**ROBSON:** Você nasceu quando?

**FRANCISCO:** Eu nasci em 67.

**ROBSON:** 67.

**FRANCISCO:** Foi na época do despejo que retiraram meu pai lá da roça. Tinha um veio que morava com nós também ele chamava Martins Durães até a rua que eu moro lá hoje chama Martins Durães lá no lugar aí que eu moro no bairro aí esse velho teve um dia que ele tava, ele tava caçando passarinho assim no arrozal lá que eles plantava arroz né chegou na casa de uma vizinha lá que eles tava pegando as telhas, o Juju pegando as telhas da casa mulher e jogando no chão, jogando ele foi falar com ele para não jogar as telhas no chão. Ele falou: “que nada veio safado, que se tá querendo é isso aqui.” Lascou o 38 a bala entrou assim no peito dele, só que ele não morreu não, aí ele tava com espingarda também daquelas de atirar em priquito bateu o joelho no chão e mandou bala ne Juju. Aí o chumbo pegou assim no pé do pescoço dele, ele morreu com esse chumbo, até hoje ele não tirou esse chumbo. Só que ele não morreu do tiro não né, aí esse veio saiu correndo atrás dele aí foi indo, foi indo... Aí depois veio o despejo em cima do pai meu, veio despejou meu pai disse que cortava sacaria de arroz, feijão.

**CARLOS:** Isso foi antes do despejo então?

**FRANCISCO:** Foi.

**CARLOS:** Essa violência antes do despejo.

**FRANCISCO:** Foi antes do despejo, aí depois veio para despejar o pai meu né aí já veio cortando sacaria de arroz esses trem tudo, aí foi indo até despejou o pai meu aí pai meu foi para rua disse que contava lá que a casa que eles ribuçava com umas telhinha assim e colocava a rede minha debaixo, e lá hoje até hoje na casa minha, na casa nossa lá tem uma mesa que era a casa dos irmão meu. Essa mesa lá ele não vendia por dinheiro nenhum tá lá até hoje, colocava, forrava debaixo e os irmão meu ficava tudo debaixo e ele convivia ali no rio pescando né, pescando e pegando peixe para sobreviver. Aí ele começou através do sindicato apareceu o sindicato na região ele foi acompanhando as reunião e foi indo. Aí ele foi um dia em Belo Horizonte e ele chegou lá e eles orientou ele como é que ele fazia ele chegou e falou: “Então vamos revesti esse trem por cima deles aí, não vamos ter medo deles não”, e partiu para riba né, chegou e reuniu um grupo de

gente aí e falou: “Vamos entrar nas terra aí”, aí foi e partiu para riba na hora que o coronel na hora que coronel Georgino chegou lá na fazenda de coronel Georgino eles entrou lá e rancou 2 hectares de capim lá na porta da fazenda e era Zezão, Zezão que era o gerente lá o irmão meu chegou e falou com Zezão, falou: “Olha eu quero que você tira o gado aí tudo” aí que Zezão rancou esse cavalo, rancando esse gado lá de dentro aí tirou o gado, aí quando foi de tarde eles falou: “Vamo embora”, aí quando veio quando chegou na estrada eles já tropou foi com um grupo de polícia, já tinha mais de 50 polícia que já foi logo falando com eles: “Joga as foice no chão.” Esse dia eu não tava mais eles não. “Joga as foice no chão.” Aí pai meu falou: “Nós não joga a foice no chão, abaixa os armamentos” e eles partiu para riba com os armamento engatilhado no povo né, e o povo com os facão, foice partiu em riba deles também. Aí eles: “joga no chão”. Ai eles falou: “então põem os armamento.” Aí que baixou os armamento e jogou, quando eles baixou os armamento o povo jogou as foice no chão aí eles saiu pegando, pegou alguns lá e levou preso acho que até o filho de dona Zuina eles levou Geraldo o filho dela aqui, levou preso nesse dia. Aí quando foi no outro dia a mãe minha pegou e falou assim, eles não prendeu o pai meu não, pai meu pegou e falou assim: “Ô amanhã nós vamos lá para Pedrin”, que é a Fazenda União que tem hoje aí, a União. Aí esse dia eu fui, eu fui cheguei lá nós tava lá roçando nas vazante lá e outro já chegou e tacou fogo também nos mato e esse trem sapecou fogo né aí chegou lá... Que quando foi de tarde tornou a chegar o grupo de polícia tomou as foice tudo do povo de novo. Aí esse dia eles levou o pai meu preso só que tinha advogado por conta da FETAEMG. Aí quando foi no outro dia a mãe minha tornou falar com nós ir: “Amanhã nós vamos lá para Rui”, que era aqui mesmo encostado aqui na rua. Cês lembra até da coqueira que tinha aí rostado né. Aí eu vim mais mãe minha só eu e o pai meu tava preso, aí nós veio lá e eles chegou e entrou e fundou dentro com a inchada roçando e os meninos, nós era menino saiu juntando os ciscos né com os gancho. Aí quando foi de tarde tornou a vim a polícia de novo levou mais um grupo de gente, levou um grupo de gente preso foi aí que meu pai tornou: “não consigo receber a terra não.” aí foi indo (trecho incompreensível) e Luiz veio foi o dia em que coronel Georgino veio aí na praça que eles tava num discurso aí e minha mãe ainda falou um bocado que eles tentava matar meu pai todo jeito né e a mãe minha também foi muito perseguido não dormia de noite.

**CAROLINE:** Eles quem?

**FRANCISCO:** Coronel Georginoné com os pistoleiros dele né que era Juju, Manoelito esse povo aí.

**CAROLINE:** Além de pistoleiro, policiais também?

**FRANCISCO:** Uai ele que comandava ia policial sem nem saber se eles era pistoleiro, os policial dele era que comandava aqui né todo mundo tinha medo quem ia enfrentar ele, chegava aí 50 carro de polícia aí um atrás do outro aí o povo ficava com medo, o povo alguns pocava para o lado da serra aí e outros caçava lugar para ir escondendo deles aí ficou o pai meu foi lutando, lutando até conseguiu a União com o Luiz Chaves. Esse dia que o coronel coisou lá ele achou que Luiz Chaves era um Zé ninguém era um Zé ninguém aí ele chegou lá, Luiz Chaves tava na praça ele mandou intimar o Luiz Chaves lá na delegacia e Luiz Chaves falou: “Não, vocês podem ir rompendo daqui a pouco eu vou”, aí eles veio tudo, eles vei para cá para a delegacia depois Luiz Chaves veio e pegou a carteirinha dele, pegou a carteirinha dele chegou lá na delegacia e falou: “Ò eu sou esse daqui e cês pega esse carro seu daqui meia hora tá tudo em Janaúba”, aí só viu carro de polícia saindo um atrás do outro e desceu para Janaúba, não ficou um ai na cidade. Aí pai meu foi lutando e até que conseguiu a União lá depois da União ele não contentou com a União não ele falou: “Vou brigar pela Caitité”, e ele entrou na justiça de novo lutando com eles foi indo até conseguiu a Caitité também e ficou as duas fazenda e nisso aí é 16 fazendas que Tancredo Neves foi... O decreto de Tancredo Neves foi assinado por Tancredo Neves inclusive acho que tem até foto lá de Tancredo mais meu pai abraçado os dois quando ele assinou lá a saída Aí depois disso meu pai ismureceu não quis mexer mais com isso né aí recebeu as duas fazenda aí ele quetou com isso aí, aí daí para cá ele não quis mexer mais, foi indo adoeceu também ismureceu né não tava aguentando mais nada.

**MARINA:** Vocês sabe quantas famílias foram para cada uma das fazendas?

**FRANCISCO:** A de lá eu não sei quanto não, cá eu acho que é 33 nessa, Caitité.

**MARINA:** Caitité e na União?

**FRANCISCO:** Não, na União eu não sei quantas não, 33 aqui na Caitité.

**GENILDO:** Na União é mais ou menos igual.

**CAROLINE:** E a sua mãe você disse que ela também era ameaçada, você pode nos contar sobre ela?

**FRANCISCO:** Ué a minha mãe ela foi ameaçada várias vezes de coronel Georgino né, porque ela falava demais, ela todo ato público ela tava né, nas reunião.

**CAROLINE:** Qual o nome dela?

**FRANCISCO:** Ela é Iris dos Santos Oliveira.

**MARINA:** E sobre a questão da viagem que o senhor estava falando aqui que eles não podiam viajar né o seu pai tinha que ir para Brasília, Belo Horizonte como que eles faziam? Para fazer essas viagens?

**FRANCISCO:** Uai tinha aqui a tinha vez mesmo que a que ela levou vários ônibus para, de gente daqui para lá para fazer os grupos lá para fazer a frente né lá no INCRA eu acho que eles ficou uns 30 dias lá no INCRA aí quando os povo era que eles ficava (trecho incompreensível) escondido deles aí, que eles ficava perseguindo para o povo não viajar. Aí o pai falava com eles: “Cês pega a rodovia aí e vai andando nas estradas aí e o ônibus vai pegando ocês aí”. Aí o povo ia caminhando né aí o ônibus vinha pegava o povo, quando esse pensava que o povo tava aqui, o povo já tava lá em Belo Horizonte entendeu.

**GENILDO:** Eles hospedava na época (trecho incompreensível) Eu conheço a história pelo o que as pessoas contavam, a FETAEMG custiava todas as despesas de transporte, hospedagem e alimentação, dava o suporte necessário para que eles pudessem fazer o manifesto.

**FRANCISCO:** Eles recebeu essa assistência através da FETAEMG, se não fosse a FETAEMG a gente não tinha recebido também não, que a FETAEMG era muito forte né.

**AUREY:** Além da FETAEMG e do Luiz Chaves o sindicato de Janaúba apoiou...

**FRANCISCO:** Apoiou sim.

**AUREY:** Como é que foi?

**FRANCISCO:** Seu João deu muita força para os povo aqui de Cachoeirinha, Cachoeirinha, os lá de Varzelândia também deu muita força né e através disso depois que eles trouxe o sindicato para aqui né, que aqui não tinha sindicato na época depois através disso aí que eles teve força trouxe o sindicato.

**AUREY:** E isso quando mais ou menos qual o ano? 80? 90?

**FRANCISCO:** Acho que foi na faixa de uns 80, 80.

**GENILDO:** Na verdade aqui tinha extensão de base de verdade as pessoas aqui elas filiavam ao sindicato daquele lado de lá uma parte Janaúba e outra parte...

**FRANCISCO:** De Varzelândia.

**GENILDO:** Varzelândia né e o sindicato de Varzelândia ele criou uma extensão de base aqui entendeu não sei quanto tempo não sei quando começou também, mas eu lembro as carteirinha 87, 88, 89.

**MARINA:** E alguém da igreja?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Seu Adão trabalhou no sindicato

**FRANCISCO:** É seu Adão trabalhou ele e Didi né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Seu Adão é que ele esqueceu, mas ele tem até ata.

**FRANCISCO:** É ele foi, ele foi presidente desse sindicato esse Adão lá.

**CAROLINE:** O senhor participava do sindicato de Varzelândia?

**FRANCISCO:** É Adão ele e Didi tem um Didi que mora aqui em Cachoeirinha eles tomaram conta do sindicato de Varzelândia.

**CAROLINE:** Verdelandia né?

**GENILDO:** Em 2004 nós criamos o sindicato aqui.

**ROBSON:** Só um minutinho por causa que a gente tem que registrar aqui tudo se não fica picado, o senhor estava falando do seu Adão.

**FRANCISCO:** É ele tá aí.

**ROBSON:** Han?

**FRANCISCO:** Ele foi presidente do sindicato né ele e Didi né, eles trabalhou através do sindicato de Varzelândia.

**MARINA:** E alguém da igreja o senhor sabe falar a participação de algum padre? Da CPT?

**FRANCISCO:** Daqui mesmo o CPT eles ajudou muito aqui né.

**ROBSON:** Quem do CPT que o senhor lembra?

**FRANCISCO:** Só que eu não lembro.

**ROBSON:** Não lembra o nome?

**FRANCISCO:** Lembro não, eles ajudaram muito que meu pai tinha muito contato deles né era muitos órgãos ajudando ele não era só a FETAEMG que ajudava, eram muitos órgãos ele teve muito contato com muitas pessoas (trecho incompreensível) e meu pai não tinha estudo nenhum ele era analfabeto ele viajava esse trem tudo aí era sem dinheiro, era com dinheiro.

**CARLOS:** Era analfabeto e doutor né.

**FRANCISCO:** É ele era.

**MARINA:** E a família do senhor nasceu aqui?

**FRANCISCO:** Eu mesmo nasci aqui em Verdelandia.

**MARINA:** E o seu pai?

**FRANCISCO:** Meu pai é de Francisco Sá.

**MARINA:** Francisco Sá.

**FRANCISCO:** Minha mãe também é de Francisco Sá, só que eles chegou aqui em 52.

**CAROLINE:** E porque eles chegaram aqui?

**FRANCISCO:** Porque a família dele, o pai dele veio embora para cá, tinha comprado um terreno aí, aí ele.

**CAROLINE:** Comprado o terreno né?

**FRANCISCO:** É o pai dele né, comprou um terreno do lado de lá.

**CAROLINE:** Ele tinha os documentos?

**FRANCISCO:** Tinha, Aí depois o pai meu tinha essas terra aí que era do Estado, aí eles foi possiando os povo né que chegava, igual ele já tinha a família dele que é do seu Carolino aí de seu Adão aí que o era o João Lalau, aí o pai meu foi entrosou com eles e foi.

**CAROLINE:** A comunidade?

**FRANCISCO:** A comunidade é e acumulou também na terra lá né, daí já veio coronel Georgino já despejando eles entendeu.

**CAROLINE:** Você se lembra de outras coisas que seu pai te contou de situações específicas? Uma data?

**FRANCISCO:** De data como...

**CAROLINE:** Ou sobre uma pessoa? Uma vítima?

**FRANCISCO:** A eles mataram foi vários né que meu pai contava e inclusive eu até alembro também da época que eles matou, matou finado Mariano aqui também na chegada aqui da Janaína aqui do outro lado aí.

**CARLOS:** Finado?

**FRANCISCO:** Mariano eles mataram Mariano.

**CARLOS:** Mariano?

**FRANCISCO:** É Mariano.

**GENILDO:** Era posseiro também?

**FRANCISCO:** Era posseiro.

**MARINA:** Sabe o sobrenome?

**FRANCISCO:** Sei não.

**MARINA:** Não.

**CARLOS:** Que ano que foi?

**FRANCISCO:** Não lembro a data mais.

**CARLOS:** Alguém sabe? Alguém sabe esse seu Mariano quem que era?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Eu lembro que ele morava encima da pedra.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Eles mataram ele aqui na Janaíba.

**FRANCISCO:** Antoni, Antonin, os pistoleiro mataram ele lá.

(trecho incompreensível).

**JESUÍNA:** Ele foi posseiro trabalhou, só que nós não conhecia ele não, era muito posseiro, uns nós conhecia, outros não. Depois que matou ele lá que eu fiquei sabendo que ele era posseiro, matou mesmo é verdade.

**CAROLINE:** Quem matou no caso? Pistoleiro? Policial? Fazendeiro matou?

**JESUÍNA:** É pistoleiro que matou.

**CAROLINE:** Pistoleiro.

**JESUÍNA:** Nós não sabe o nome não.

(trecho incompreensível).

**ROBSON:** Então nós vamos agradecer então muito obrigado tá certo, muito obrigado.

Aplausos.

**THIAGO:** Eu queria fazer uma pergunta aqui esse caso das crianças que morreram muitas crianças lá depois do despejo, onde essas crianças foram enterradas? Tinha registro de óbito delas? Onde que elas eram enterradas?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Enterrou no cemitério.

**THIAGO:** Enterravam no cemitério? Todas eram enterradas no cemitério, então continuava tendo enterro, foi uma epidemia que teve né, fome, doenças.

**CAROLINE:** Mas vocês enterravam uma perto da outra? Ou foi enterro (trecho incompreensível).

(trecho incompreensível).

**JESUÍNA:** Uma filha minha eles levaram e enterraram.

**CAROLINE:** Tem duas coisas que a gente gostaria de perguntar para todos aqui, primeiro vocês se lembram daí guardam para entrevista né, vocês se lembram de alguém que foi preso ou levado que nunca mais apareceu? Alguém que ficou desaparecido? Que foi levado por alguém? Por policial? Jagunço, não? Alguém que desapareceu?

**FRANCISCO:** O pai meu falava que tinha um tal de Manoel que chamava ele de Manoel das cachorra, esse aí nunca mais foi visto o (trecho incompreensível) não apareceu.

**CAROLINE:** Manoel?

**MARINA:** Das cachorras.

**JESUÍNA:** Manoel das cachorras, sumiu, desapareceu.

**CAROLINE:** Foi mais ou menos quando?

**JESUÍNA:** Foi na época no despejo.

**CAROLINE:** No despejo, ele foi preso e levado pelo...

**FRANCISCO:** Eles levou ele junto com esse pessoal que morreu (trecho incompreensível).

**ROBSON:** Nós vamos fazer o seguinte gente, só uma questão de ordem aqui para a gente não transformar o nosso numa CPI vamos ver quem é quem vai fazer aqui ainda os depoimentos para a gente gravar e depois a gente faz uma conversa porque aí não tem o problema aqui da câmera. Quem mais que vai colaborar com a gente aqui com alguma informação? Teófilo não, não quer não, não seu Teófilo não quer no momento não o senhor quer colaborar com alguma coisa? Faz o favor, ele só um minutinho gente nós vamos então ouvir agora? Senta aqui como é que é o nome do senhor?

**JURACI:** Meu nome é Juraci eu represento a comunidade Quilombola nativo do Arapuí.

**ROBSON:** Certo, de qual a idade do senhor e o ano? Do nascimento só isso.

**JURACI:** A data de nascimento?

**ROBSON:** É.

**JURACI:** Sou 10 do 01 de 61.

**ROBSON:** 61.

**JURACI:** É, o que eu tenho para dizer gente eu não tenho muito conhecimento desse despejo que não foi da minha época eu tinha idade de 8 anos, 10 anos no máximo, mas como eu moro aqui há 30 quilômetros daqui eu não tinha muito acesso por região aqui eu não lembro, mas o que eu tenho pra dizer é o seguinte: o meu pai falava muito né desse despejo e eu vim crescendo e vendo falar não foi um, não foi fácil para essas famílias, para essas comunidades aqui, não foi fácil, mas eu vejo aí história de seu Sula que é o pai do Teófilo dele que não quis falar, mas seu Sula eu conversava muito com ele, ele tinha história muita se ele tivesse vivo aqui hoje ele contava todo que ele era um senhor já de 90 e poucos anos, mas era tinha a mente boa né e a gente conversava bastante com ele né. Ele contava para mim que vinha que quando chegou pra aqui ele e o Nicácio que um, era vizinho ele morava ali no Sapel o Nicácio morava aqui na Lagoa que hoje é da venda dessa fazenda Damaqui né e ele contava que quando veio pra aqui ele veio aí fazendo picada de facão não é, eu vou contar para ele e aí ele subindo na serra sem vizinho, sem parente, sem nada, ele de lá ele viu um vizinho aqui uma fumacinha saindo na beira da lagoa o pai dele falou assim: “Ò meu filho tem um pessoal que mora ali, vamo bora lá ver quem é”, ele: “Vamos lá”, eles desceu aquela serra lá que hoje passa o asfalto em cima do pé da serra e eles seguiram chegaram aqui no rio em Cachoeirinha, ganhou o nome de Cachoeirinha ele me falava assim seu Sula né porque tinha uma cachoeira no

rio lá passava e aí eles interessaram marcaram o rumo da fumacinha e foi chegaram até lá na lagoa né chegou lá conheceu o cachorrinho latiu conheceu conversando, conversando, você veio da onde e tal, e foi conversando, você mora onde? Nós moramos numa lagoa que tem aqui atrás da serra eu moro aqui na outra lagoa aqui, mas nós precisa colocar nome nessa lagoa então colocou o nome da lagoa aqui qual nome nós vamos colocar? Aí ele o senhor falou: “Nós vamos colocar aqui o nome da lagoa de Sapé”, né não Jaíba, que é um mato que chama Jaíba tem ele até hoje e lá tem um mato que chama Sapé, que é a lagoa do Sapé muito deles conhece a lagoa lá. Então aí eles foram conversando e conversando e conversando e aí até que foi rendendo as famílias né, as famílias foram crescendo, foi chegando mais gente aonde que tinha peixe aonde que tinha o que comer até que dona Leida chegou falando que foi na época do despejo que eles não podia nem sair foi na época da fome que o que tinha para comer era caça e peixe que era na beira do rio, que o rio era muito bastante água, bastante peixe foi aonde que eles sobreviveu e aí foi crescendo até do despejo para cá eu já não lembro foi o que o seu Sula me contava né ele me contava muito causo, eu gostava de sentar com ele e conversar com ele. Daí ele tinha muita a proza dele era muito boa, mas para a gente ver o caso de seu Carolino aqui, seu Adão, o pai dele seu Adão Lalau, Adão é Adão, Lalau né?

**ADÃO:** É.

**JURACI:** Ele está hoje encurralado porque em volta deles tudo é fazendeiro, os fazendeiro foi apertando eles no canto do rio então eles ficou lá numa meia lua né eles ficaram numa meia lua lá e sem poder ter espaço para eles a família dele cresceu e hoje tem um pedacinho de terra para cada um deles lá que não dá quase nada é o quintal da casa, e aí por diante e aí foi subindo pro lado de São João da Ponte que aí a minha comunidade hoje nativo, quilombo nativo da lagoinha hoje atende quatro comunidade né São João da Ponte e Varzelândia e Verdelândia, tem quatro comunidades que imbrange essa associação quilombola nativo da lagoinha e é no mesmo sentido é a mesma história daqui, todos as comunidades tá no recanto tem um riozinho que passa no fundo em volta lá aquelas pessoas que moram lá hoje igual meu pai e outras famílias que tem lá. Na época que eles chegaram lá eles chegaram falando que a terra era deles.

**ROBSON:** Eles quem? O?

**JURACI:** As pessoas que vieram falando que essa área pertencia a eles.

**ROBSON:** Fazendeiros?

**JURACI:** Fazendeiros (trecho incompreensível) né que eles falava. Essa terra são nossas hoje nós tamo aqui para vender, se você tiver em condição de comprar nós vamos vender para vocês, se vocês não tiver nós vamos dar um prazo para vocês até amanhã, que vocês vão sair até amanhã eu vou derrubar os seus barraco com fogo e é o que eles fazia. Algumas pessoas tinham condição de comprar, compravam ali e outros que não teve condição de comprar teve que sair, sair às pressas, às carreira, alguns deles até levou tiro pelas costas né. Tem uma história de um rapaz lá Atailton acho que alguém conheceu o Atailton ele tinha uma roça lá na minha comunidade e ele plantou roça lá, plantou milho, plantou feijão, favas e ele já tinha até colhido esse milho, fez um montinho de milho lá, fez um montinho de fava cá e aí chegaram esse homem falando: “Ô seu essa área aqui são nossa, essa terra são nossa o senhor pode comprar essa terra na mão nossa, nós vamos vender para o senhor”, falou: “Não, não posso”, porque era um coitado bem fraquinho né e ele falou: “Então você desocupa amanhã, vou te dá um prazo amanhã até meio dia se vocês não saírem eu venho aqui acabar com vocês e ponho fogo em tudo aqui”, falou: “Ô moço como é que eu faço e esses mantimentos”, “Não, você dá um jeito” o que, que fez, a partir da hora que eles foram embora eles falou: “Até amanhã, meio dia eu quero desocupado aqui”, e ele ficou preocupado como é que ia fazer para carregar essas coisas tinha um Corguinho no fundo era cheio d’água né tinha água, tinha que atravessar com esse mantimento de carro para atravessar para o lado de outra área de outra terra que não pertencia eles que era só do rio para cá que eles falou que era deles e aí ele começou a carregar na cabeça a fava um pouco de milho, um pouco de fava que era muita coisa né aqueles tempo era pouca, plantava pouco, mas colhia muito e ele acabou carregando as coisinha de pouco quando chegou amanhã meio dia ele não deu conta de carregar a metade chegaram e picaram fogo no barraquinho dele na fava queimou tudo, milho e ele teve que caçar outro rumo para ele lá na frente ele abriu um buraquinho lá fez um barraquinho começou a trabalhar lá foi despejado de novo de lá que é na minha comunidade lá, e por aí tem muitos casos desse jeito que eu sei contar é os caso que as pessoas contam. Meu pai e minha mãe contam muito caso assim que aconteceram com essas pessoas lá, e hoje a gente tá reconhecendo a Fundação Palmares reconheceu e ) a certidão que a gente tem é essa área é remanescente quilombola e a gente assumiu né e fez uma comunidade hoje nós estamos lutando lá para ver se a gente consegue ocupar essas áreas que a gente foi e perdeu quer recuperar as áreas que perdeu.

**ROBSON:** Então dezenas de famílias foram expulsas dessa forma?

**JURACI:** Foi expulso dessa forma.

**ROBSON:** E tem os casos todos relatados?

**JURACI:** Tem os casos todos relatados, tem famílias lá que teve que trocar né de tão perseguido dos pistoleiro desse...

**ROBSON:** Georgino?

**JURACI:** Georgino até que não, vários outros fazendeiros muitos aí a maioria deles né, para não morrer, o caso dela aqui do pai dela tá aí atrás do lado dela, até para não morrer para fugir do pistoleiro eles mudavam o contrário as sandálias. Fazia as pegadas de couro, aquele tempo as sandálias era pregada de couro normal pé direito e esquerdo, mas só que ao contrário ele virava a correia da sandália no caso que ele pisava daqui para lá no carreirinho o rastro dela tava para cá, só que ele tava vindo para cá você entendeu? Mas ele veio morrer, veio a falecer a pouco tempo né aqui em Verdelândia infelizmente porque Deus quis que ele morresse, mas não foi por causa disso , mas ele foi muito esperto e aí tem muita gente que foi desse jeito.

**ROBSON:** E o senhor sabe de casos de pessoas que foram mortas por causa disso?

**JURACI:** Alguns casos né.

**ROBSON:** Tem nomes? Lembra de nomes?

**JURACI:** Não, eu não lembro de nome, mas tem alguns casos que pai contava que tinha alguém que teve a pergunta de alguém que desapareceu daí que né, desapareceu sem saber onde foi parar, tem muitos casos de gente que desapareceu aí que ninguém sabe né que foi andando né, pessoas que tavam lá... Às vezes em casa aí o fazendeiro mandava o pistoleiro vim até a casa daquela pessoa para matar né. Tem um caso de um senhor lá mesmo do pai do seu Zé de (trecho incompreensível), aliás do avô dele, o fazendeiro mandou matar ele lá porque, por causa de briga de terra e ele querendo que ele sai, não sai e ele...

**ROBSON:** Isso foi em que local, em que localidade?

**JURACI:** Isso foi na localidade acima já chegando em São João da Ponte porque na verdade de São João da Ponte e Matias Cardoso é uma área toda remanescente quilombola, toda foi massacrada e expulso.

**ROBSON:** Esses casos que o senhor está contando são todos de remanescentes de quilombola?

**JURACI:** Todos e aí ele mandou o pistoleiro matar o senhor lá né o senhor foi e descobriu o cachorrinho latia a noite toda, ele falou com a dona: “Mas que cachorro danado”. Mas eles não saia fora né, (trecho incompreensível) e passou a noite e ele não

saiu lá fora para o pistoleiro matar ele. Mas ele era esperto, pessoa de antigamente não é igual somos nós hoje simples né. Eles era umas pessoas mais experiente, mais sabidos até nas oração que eles tinha e aí ele voltou e falou assim: “Tem uma coisa acontecendo aí fora mulher, mas eu não vou sair lá fora não”. As necessidades dele ele teve que segurar até amanhã de manhã e aí quando foi no outro dia de manhã ele levantou fez o cafezinho dele, e essa pessoa chegou, veio para matar ele a mando de um fazendeiro e esse fazendeiro foi, esse pistoleiro falou: “Não, vamos tomar um café primeiro”. Ele falou: “Não eu vim aqui para o senhor ir mais eu em tal lugar assim, assim para nós fazer isso e fazer aquilo”. Ele falou assim: “Não, é nós vamos fazer um café primeiro aí depois nós vai”. E aí ele falou assim: “Então nós vamos”, tomou café e foi né e foi tomar o café aí tomou o café e saiu quando chegou lá na frente ele falou assim: “Ô vixe rapaz espera aí, romper um pouquinho pera aí que eu vou voltar ali para mim panhar o machado para mim poder achar um jataí para nós comer, para nós almoçar não sei onde nós vai achar o cumé, porque era só mato né”. Aí ele falou: “Então tá bom”. Aí voltou, mas a intenção dele era de lá na frente logo matar o rapaz e sumir né, mas o que aconteceu esses acharam o Jataí, sentaram para comer isso, o véio de um lado e ele do outro, mas o véio assim meio sabido né e aí ele falou: “Ô moço vamos descansar um pouquinho aqui porque eu tô cansado”. O rapaz tinha passado a noite toda lá esperando que ele saísse para poder matar, mas o que aconteceu que ele acabou sendo morto porque ele comeu o mel e foi dormir. O homem chegou e pau o machado na cabeça dele e voltou para trás e foi para casa cuidar da casa dele e o pistoleiro foi lá. Então e aí tem várias coisas aí, isso aí eu vejo contar que (trecho incompreensível) também tem uma coisa que a gente tem que né sempre lembrando e contando. Então a região aqui é uma região massacrada mesmo. Teve um massacre aqui em 2014 aqui foi 13 pessoas atirada, matada, cortada de facão, tirou até um vereador nosso aqui da aldeia do lado aqui chegou até a falecer a gente acha que foi porque, por causa desse tiro que ele levou no braço aí e sangrou muito.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Qual o nome dele?

**JURACI:** Zé Gato.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Zé Gato.

**JURACI:** Inclusive tem um filho dele que está aqui eu convidei ele para participar da reunião, dessa conversa aqui tem uma pessoa companheira da gente aí né e aí depois desse massacre lá ele 6 meses chegou a falecer a gente suspeita que é por causa desse tiro ele perdeu muito sangue né, é um companheiro que gente sente falta até hoje. Eu só

tenho que agradecer a oportunidade e a gente (trecho incompreensível) lembra de mais coisa.

**CARLOS:** E quem que promoveu esse massacre?

**JURACI:** Aí foi João Dias né, aí já foi fazendeiro.

**CARLOSTIFICADO:** Esse agora?

**JURACI:** É o massacre foi João Dias, fazendeiro aí.

**CARLOS:** João Dias?

**JURACI:** É, João Dias.

**CARLOS:** E ele tá preso ou tá solto?

**JURACI:** Tá nada, tá preso não, prende quem tem dinheiro não, só prende quem não tem dinheiro.

**ANDREY:** E os jagunço? Ele usou jagunço né?

**JURACI:** É usou, tem acho que foi 11 ou foi 12 jagunço tudo encapuzado com roupa de polícia, desceu do carro, no carro do fazendeiro, dizendo que era polícia, era polícia, era polícia e já chegou atirando e aí cortou cabeça de gente. Esse menino esse Chico que eu tava comentando aqui agora também né, foi? Levou corte na cabeça, o irmão dele, a cunhada dele o sobrinho levou um tiro, tem uma bala alojada e aí por diante é muita coisa.

**MARINA:** A violência continua?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Continua, tá continuando.

**JURACI:** E nós permanecemos na causa nós não deu ainda o braço a torcer não nós estamos permanecendo e tá firme né, eu (trecho incompreensível) falei não deixar (trecho incompreensível) falar aqui a presença de outro para vocês entender um pouco a dificuldade e a luta que nós temos na região aqui. Quando eu falo aqui que eu moro aqui 30 quilometro de Verdelândia, mas eu toda semana eu tô aqui quase todos os dias né que a minha cidade que eu venho comprar e as vezes até vender alguma coisa também e...

**ROBSON:** Essa região que o senhor está falando que tem esses vários remanescentes qual que é essa região exatamente? É município de Verdelândia?

**JURACI:** Verdelândia, São João da Ponte.

**ROBSON:** É divisa?

**JURACI:** É divisa.

**ROBSON:** Verdelândia, São João da Ponte?

**JURACI:** E Varzelândia.

**ROBSON:** E Varzelândia tudo nessa região?

**JURACI:** Tudo nessa região.

**ROBSON:** E sempre foram esses casos, expulsão de terra, dos nativos, fazendeiro, policial ao longo de todo esse tempo?

**JURACI:** Todo esse tempo.

**ROBSON:** E continua até hoje?

**JURACI:** Continua até hoje uma briga, não para não e não vai acabar os quilombola não é um morrendo uns e outros nascendo. Risos.

**GENILDO:** Sangue é forte né.

**JURACI:** Sangue é forte, matar 100 vai nascer...

**ROBSON:** E o senhor disse que o quilombo atual está sendo regularizado pela Fundação Palmares?

**JURACI:** Tá.

**ROBSON:** Onde o senhor mora?

**JURACI:** Tá, hoje já tem...

**ROBSON:** Já foi regularizado ou está em processo?

**JURACI:** Tá em processo o INCRA já está já fazendo a demarcação do território já.

**ROBSON:** Como é que ele chama o quilombo?

**JURACI:** Quilombo do Arapuim.

**ROBSON:** Quilombo do?

**JURACI:** Arapuim.

**ROBSON:** Arapuim?

**JURACI:** É.

**ANDREY:** Mas quando teve esse massacre aqui ne Cachoeirinha em 66, 67 esse território aí do quilombo ele já tinha sido bem grilado né? A grilagem de terra começou antes não foi?

**JURACI:** Não antes, mas só que a gente não tinha conhecimento de quilombo né.

**ANDREY:** Era.

**JURACI:** Era, aí veio depois, veio depois, 20 anos aqui atrás não é, 15 anos aqui atrás ou menos.

**CAROLINE:** Mas vocês se identificavam como comunidade né? Laços de famílias, conheciam uns aos outros não é?

**JURACI:** Isso, é as comunidades aqui vizinha no brejo (trecho incompreensível) aqui do brejo tem essa comunidade, tem outra do lado aqui que é Avenida Bian, tem Jacaré todos aí.

**ROBSON:** Tá muito obrigado o senhor viu.

**JURACI:** Por nada.

Aplausos.

**ROBSON:** Nós vamos ter mais alguma participação?

**CARLOS:** Ela tá querendo falar.

**ROBSON:** A senhora? Pode chegar aqui por favor. A senhora senta aqui, por gentileza, assim para ficar perto do microfone, o nome todo da senhora?

**GERALDA:** Geralda Lopes da Silva.

**ROBSON:** Data de nascimento?

**GERALDA:** 62 anos.

**ROBSON:** 62 anos.

**GERALDA:** É.

**ROBSON:** E aí o que a senhora quer falar para a gente sobre essas questões que envolve os trabalhadores aqui dessa região?

**GERALDA:** Eu quero falar o seguinte, praque o meu pai também fazia parte né.

**ROBSON:** O nome do pai senhora?

**GERALDA:** Bernardo Lopes da Costa.

**ROBSON:** Bernardo?

**GERALDA:** É.

**ROBSON:** Lopes?

**GERALDA:** Lopes da Costa.

**ROBSON:** Da Costa.

**GERALDA:** É então ele também fazia parte que ele também fazia parte que ele também pertence aos quilombola né. Só que na época do despejo eu assisti uma parte, eu assisti uma parte que eu era pequena numa idade assim de uns 10 anos inclusive teve uma reunião do tempo lá no parque de evento aí Juraci, Iraci foi e me convidou para ir e eu fui.

**ROBSON:** Quem que é Juraci?

**GENILDO:** Acabou de falar aqui.

**GERALDA:** É, aí eu fui e conversei lá o que eu tinha que falar que meu pai também fazia parte né, meu pai foi despejado também, foi sofredor também. Eu assisti a parte o que, que eles fazia, eles chegava nas casas a mesma pergunta, eles perguntava se as

peessoas tinha condição de comprar aquela terra para construir. Aí papai falava que não tinha, “Porque que você não tem?”, “Eu não tenho, eu sou pobre eu não tenho”. Aí já lá eles não falava do prazo até amanhã meio dia não, eles já falava assim: “Ò põem os meninos aí tudo para fora aí, que nós vai pô fogo aí agora, põem os menino tudo para fora”. Eu alembro que meus irmão era tudo pequenininho aí eles pegava pozia os povo pra fora, nós pozia os irmãozinho pequeno pra fora e eles ia no paiol de milho e chegava tiçando fogo, queimava tudo. Voltava, ia no mandiocal cortava tudo de facão jogava tudo no meio da terra aí nisso o que nós fez, papai, aí ele foi e arranchou na beira do rio lá nos Diniz onde é que hoje é desse capataz João Dias. Nós arranchou lá nos Diniz, papai, finado Ceva também que já morreu entendeu, aí nós arranchou lá na beira do rio cada uma pegou as foice e fez seu barraquinho lá, sem permissão de ninguém. Aí lá um dia passou umas duas semanas lá Zé Diniz foi e passou, passeando lá de cavalo aí (trecho incompreensível) no barraco nosso aí papai falou assim: “Ò seu Zé nós tá aqui sem ordem do senhor praque nós foi despejado dos barraco nosso e nós não tem pra onde ir”. Aí Zé Diniz: “Não, cês pode ficar aqui sem problema”. Aí papai foi e ficou lá, várias pessoas também ficou lá, aí com isso papai foi trabalhando lá, produzindo, plantando capim. Mais gente que teve lá por dentro, (trecho incompreensível) entendeu tudo lá naquela quadra. Aí o que ocorre? Aí quando papai ficou velho de fazenda lá, ele já tava aposentando, guentava mais nada os Diniz foi e deu de despejar também. Aquele pessoal que tava velho, porque não aguentava produzir mais né ele já tava velhinho aí eles deu de despejar, mas eles não chegou assim pro povo e falou. Porquê que eles foram lá, pegou tinha uma cancela lá papai passava sempre nessa cancela pra ir pros tabuleiro né, praque naquela época não existia carro, não existia moto, ninguém via moto nem de longe nem sabia o que era mota. Nós panhava água na cabeça uma distância como daqui no Sapé, tudo com os tambô na cabeça. Aí não existia naquela época era tropa, era cavalo entendeu, significava tropa na época, ninguém conhecia carro, não tinha carro, não tinha moto não tinha nada. Isso aí ninguém via nem falar, era tropa. Aí eu alembro que Zé de Apricho ele tinha duas leiteira aí ele tinha um burro ele trelava com as corda as leiteira uma do lado e a outra do outro colocava na sela panhava as duas leiteira de água, uma vez só por dia, porque não podia ir duas vezes. O rio era muito longe ali, aquela água era pra gente comer, beber, dar porco, dar galinha entendeu. Aí o que ocorre, o que eles fez, não chegou pra falar pra ninguém assim sai, não. Eles foi lá trancou a cancela com cadeado. Eu alembro que papai tinha um cavalo preto aí papai pegou os arreio pra pegar esse cavalo que tava pro lado de cá da outra manga do lado

de lá, quando chegou ele não pode pegar o cavalo com a cancela trancada, aí ele pegou foi mais meu irmão, o que, que ele fez pegou a selinha, jogou na cacunda com os arreio e levou até a cancela, ele e meu irmão, chegou lá ele passou por cima da cancela, ele passou por cima da cancela com essa sela na cabeça e pro lado de lá ele arriou esse cavalo e falou para o meu irmão: “Volta, você panha a água e daqui eu vou até ne Varzelândia”. Aí ele foi, chegou lá foi três ou quatro dias de viagem na época, aí ele foi e denunciou os Diniz falando, alegando que ele morava há tantos anos na fazenda e aí para não mandar embora eles bolou esse plano sabe. Eles fechou a cancela, passou o cadeado pra quem tá do lado de lá ficar lá e quem tava do lado de cá ficava ilhado aí ele veio embora, aí com uns 10 dias foi que chegou uma carta para eles chegou uma carta para eles lá de Varzelândia, Campo Redondo, Prejuntambol aquele município lá chegou essa carta para ele mandando falar com eles que, por favor, que abrisse a cancela ou abrisse a cancela ou pagasse o tempo pro povo aí rapidinho eles pra não pagar os tempo chegou rapinho mais que depressa, eles abriu a cancela. Só que nessa quadra que eles abriu a cancela já tinha morrido muita gente de fome, de sede e aqueles que não morreu ficou doente, porquê?**ROBSON:** A senhora lembra de algum nome? De pessoas que morreram?

**GERALDA:** Não alembro não, porque na época eu era criança, só que morreu um irmão meu, Zezinho.

**ROBSON:** O nome dele era José?

**GERALDA:** É, era Zezinho esse irmão meu morreu porque o sofrimento era demais, aí esses mesmo nome que foi dito eu cheguei a conhecer o Manoelito e o Juju eu conheci, agora o coronel Georgino veio depois, depois que veio o coronel Georgino com as jagunçada tudo, que ninguém podia andar. Eu conheci também o coronel Georgino, cumé que eu conheci ele? Pruque na época que ele chegou aqui a estrada era de chão, não tinha asfalto não tinha nada o povo andava de carona, a estrada era de chão. Aí quando é um dia eu tava do outro lado na casa do finado Luiz e nessa época tinha uma borracharia de finado Luiz trabalhava ele os filhos tinha uma borracharia. Por incrível que pareça eu não conhecia essa peste deste coronel, vim a conhecer esse dia. Aí eu tava lá para pegar carona pra mim ir pro Janaúba, com pouco o carro dele deu problema bem lá na borracharia que era desse Luiz, o carro dele deu problema e aí acho que ele parou com esse carro lá não sei se foi problema nos pneu, eu sei que deu um problema lá no carro dele aí eu fiquei assim sentada lá observando, olhando aquele homem, foi ele desceu do carro, até nesse dia eu não conhecia quem era coronel Georgino. Aí quando

ele desceu do carro eu fiquei assim olhando, observando aí eu fui e perguntei: “Quem é esse homem?” Eles falou assim: “Esse homem é o coronel Georgino”, mas geralmente ele carregava mais munição de que a mesma roupa dele. Quando eu olhei na cintura dele assim ò quando eu olhei a cintura dele estava intupetada de munição. Eu olhei e falei: “Então esse que é o tal do coronel Georgino.” Eles falou: “É”, e o Zezão era o gerente do coronel Georgino. Quando coronel Georgino deslocava de Montes Claros para vim pra cá ele já ligava: “Ò faz comida aí, recebe meu povo que meu povo tá chegando aí”, aí era pistoleiro pra todo lado, era no curral da mula, todo lado tinha pistoleiro e eu me lembro que minha mãe falava assim que tinha um homem veio, desses mais antigo, que ele tinha uma pedra que chamava Brevi, essa pedra não sei o que significa isso, aí que ele pegava essa pedra ele ia e descia na ladeira e ele pegava essa pedra e olhava, aí dessa pedra ele via o mato. Aí se o mato tivesse verdinho, ele ia. Ele falava: “Ò hoje não tem pistoleiro na estrada não”. Ele seguia e se olhasse essa pedra e o mato tivesse meio murcho, ele: “Não hoje eu não vou não, hoje tem pistoleiro na estrada”, aí ele não ia. Então eu alcancei nessa época eu era pivetinha, mas eu alcancei muito bem nessa época porque o coronel Georgino ele era o capataz pior que tinha aqui, que ele chamava os sem-terra era cachorro e que se aqueles cachorro passasse na fazenda dele, que era pra matar de um por um. Aí depois veio esse Luiz Chaves de Montes Claros, inclusive eu ia trazer a foto dele hoje prôs cês vê, que eu tenho a foto dele tá veinha, veinha, veinha, chega tá apagado, na época que ele foi candidato. Aí eu tinha essa foto de Luiz Chaves lá em casa, mas por incrível que pareça eu cacei, cacei eu guardei ela tão bem guardada que eu cacei e não achei. Aí lá um dia só os posseiros, os quilombola eles era muito unido. Eu conheci o veio Sula era muito amigo de papai, conheci o Martinho Fagundes, conheci o Antonio Manso também eu conheci. Então quando é um dia eles uniu, eles foi por fogo aqui onde é hoje era a fazenda que ele morreu, ele não existe mais o Rui Soares. Aí eles foi e pôs fogo ali, pôs fogo porque, manifestar né, aí eles foi pô fogo lá e tal aí chegou aquele policial, carro lotado: “O que cês tá fazendo aqui?” “Nada” “Tá fazendo aqui o que?” Eles continuou trabalhando de facão, de foice, trabalhando aí o policia falou: “Pega as ferramentas suas e vão tudo pra delegacia.” Aí eles veio pra delegacia, aí quando chegou aí: “ Tá todo mundo preso.” Tomou as ferramentas tudo, enxadão, facão, tomou tudo. Aí apareceu alguém lá ligou para esse Luiz Chaves, Luiz Chaves veio ai eles foi e falou com Luiz Chaves: “Mas o senhor é o que aqui?” Aí Luizinho foi lá no carro dele tirou uma bolsa e abriu um papel e mostrou eles, aí eles pegou o caminho e foi tudo embora. Mas meu pai foi um que foi

massacrado e meu irmão morreu tudo nessas lida, então o Juju mais o Manoelito eles eram intrujado os dois, o que um fazia o outro fazia. E eu alcancei a época e sofri um pouco também, que eu já era de maiorzinha, eu tinha uns 10 anos. Agora os meus irmão não, meus irmão, eu tinha uma irmã mais velha, a Maria, que hoje ela mora em Januária, as outras morreu, a mais velha é Maria, aí depois fiquei naquele sofrimento. Aí quando eu cresci, eu fui embora pra Belo Horizonte, trabalhei na casa de Zé Diniz, conheci ele igual a palma da minha mão. Esses dias mesmo eu fiquei sabendo que ele tinha morrido. Então esse Zé Gato também era amigo meu, quando eu ouvi eles falando que ia entrar nessa terra lá dos Diniz, mas nisso eles vendeu essa terra pro João Dias, porque eles vendeu? Eles já vendeu sabendo que essas terra pertencia aos quilombola, ou seja, mais cedo ou mais tarde os quilombola ia entrar né. Então eles vendeu pra João Dias pra acontecer essa derrota que nem aconteceu, porque o João Dias também eu conheço ele de longe, mas o capataz ele imita o coronel Georgino só que a diferença que ele é branco e o coronel era mais entendeu, mas eu assisti uma parte nós sofreu e nós acampou tudo assim na beirinha do rio, um frio danado. O Corguinho passava assim e o que nós fazia no frio? Nós acendia um fogo desse lado e outro fogo do outro e deitava no meio do fogo pra tampar o frio, ninguém tinha coberta, não tinha nada e ninguém queimava.

**ROBSON:** Tá certo.

**GERALDA:** Mas o povo sempre fala que Deus olha mais o pobre do que mesmo o rico né, e todo mundo continuou sim, um fazia um fogo de lenha de um lado e outro do outro e deitava no meio para esquentar, não tinha colchão, não tinha nada.

**ROBSON:** Tá certo, então muito obrigado a senhora pelo depoimento. Apluasos.

**CAROLINE:** O nome do seu pai e da sua mãe?

**GERALDA:** Bernardo Lopes da Costa, Floriana Rodrigues Figueiredo.

**CAROLINE:** Brigada.

**ROBSON:** Ok, nós vamos fazer o seguinte, tem mais alguém que quer fazer alguma questão porque senão nós vamos passar para as perguntas individuais e a gente também tem que fazer uma visita à uma fazenda que é a do, como é que chama a fazenda?

**MARINA:** Um assentamento.

**ROBSON:** Um assentamento que a gente quer dar uma ida lá com o presidente do sindicato dos trabalhadores ,que é onde era a fazenda do.

**GENILDO:** Do pai dele aqui ò.

**ROBSON:** Ah tá.

**GENILDO:** Do pai do Chico.

**ROBSON:** Então alguém ainda quer fazer alguma contribuição, fazer mais algum registro, trazer alguma outra informação?

**GERALDO:** Se você me permitir eu quero falar um poema depois.

**ROBSON:** Então pode vir aqui, pode ser, pode se identificar e falar o poema, sim, muito bem é bom que nós terminamos com um poema.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Só que eu gostaria que registrasse, eu queria fazer um convite que eu sou uma liderança eu gostaria de fazer um convite.

**ROBSON:** Tá e depois dele você vem aqui e faz, então fala o nome, seu nome pode.

**GERALDO:** Meu nome é Geraldo conhecido aqui em Verdelândia como Geraldo Lajeado né, eu moro aqui no assentamento Vitória, então o que eu tinha de falar os companheiro e as companheira já falaram né, que eu sou o mais novato, eu sei um pouco da luta, mas isso aí eu não vou questionar não, eu vou falar um poema, que eu moro aqui no assentamento Vitória nós ocupamos em 2000 né, agora dia 8 de maio fez 17 anos. Então quando nós ocupamos lá essa fazenda aí eu bolei esse poema entendeu falando no despejo de Cachoeirinha na década de 67, quando foi o massacre aqui de Cachoeirinha né, que hoje é Verdelândia. Eu acho que não é justo ter trocado Cachoeirinha por Verdelândia né, tentaram apagar a memória do né, apagar a memória. Aplausos.

**GERALDO:** Os demais companheiros que foi tombado aqui nessas terras aqui em Cachoeirinha, cheguei para aqui era pequeno, uma idade de 6 anos não tem muita recordação que trabalhei muito fora né, trabalhei muito fora na época de despejo eu trabalhei fora né, mas aqui mesmo tem o senhor Zé de Tito, foi prefeito aqui em Verdelândia por 8 anos, as vezes vou na casa dele lá até que ele me fala, que o despejo que na época 16 fazendas aqui era para ser assentado 260 famílias. No meu modo de pensar foram assentados 30 na Caitité, 30 na União e cadê a terra das 200 família? Entendeu? Tancredo assinou para ser assentado essas 200 famílias, 260 famílias. Tancredo morreu, deixou para Sarney, Sarney mandou uma ordem de despejo, mandou o INCRA vim e vei Tito já me falou muitas vezes né, muitas vezes chegou lá ele tava fazenda a casa onde é a sede dele, que muitos conhece aonde que é a sede de Zé de Tito, chegou lá “quem é José de Souza Gomes?” Aqui, o INCRA. “Sou eu”. É que o senhor tem uma ordem de despejo para o senhor que aqui é para assentar os posseiros, 200 famílias que o Tancredo deixou assinado para assentar 16 fazendas aqui em volta de Cachoeirinha entendeu. “Ó moço, mas me deixa aqui no barranco do rio aqui que eu já tô fazendo minha casa.” “Não é ordem do governo.” Entrou no carro e foi embora. Mas nós

era pequenininho corria atrás né os rico cheio do dinheiro, inclusive o irmão dele que é o doutor Manoel Patricio advogado, então eles entraram né na justiça e ficou por isso mesmo punharam uma pedra em riba, cadê a terra dessas 200 famílias? Aí nós resolvemos de ocupar essa fazenda Ipiranga, que hoje é o assentamento Vitória, o Santa Clara tá entendendo, aqui o Verde Água. Três fazendas que nós tomamos a decisão de entrar por conta própria e retomar essas terras que era dos pais nosso, dos avôs nossos, que foi tomado. Então quando nós ocupamos essa fazenda aí que é Fazenda Ipiranga que hoje é assentamento Vitória né eu bolei um poema que acho que é mais do que justo tá entendo, a gente retomar essas terra que foi tomado pelo latifúndio, pelo coronel Georgino e Manoelito, Juju, Bastião do Banco, os companheiro esqueceram também de citar que Tião Bastião do Banco foi um dos latifundiários também que fizeram a maior covardia com esses companheiros tá entendendo, aí esse poema eu aqui eu fiz ele tá expandido no Brasil e no mundo todo.

**JESUÍNA:** (trecho incompreensível) eu já tô indo

**GERALDO:** Oh dona Zuina eu queria que a senhora parasse só um momentinho que o poema é rapidinho.

**ROBSON:** Só para a senhora ouvir o poema dele.

**JESUÍNA:** Ah tá, tá.

**ROBSON:** Ouvir o poema.

**GERALDO:** Então vou iniciar, eu vou contar pequena história dos posseiros de Cachoeirinha, vivia todos tranquilo criando porco e bode e até mesmo galinha, vivia todos tranquilo no seu pedaço chão, produzindo arroz, farinha e até mesmo feijão. Ai quando foi um belo dia todos levaram um susto chegaram dando grito de repente chegou o maldito Manoelito, ele chegou fazendo a maior judiação destruindo todos os barracão e queimando toda a alimentação dos nossos irmão, alguns lhe perguntou qual a sua intenção? Ele respondeu com a voz mansinha, a minha intenção é por todos para correr e ser dono de Cachoeirinha. Ficaram todos sem alimentação e sem nenhum tostão na gibeira e para acabar de completar chegou o coronel Georgino conhecido como papagaio de carvoeira. Ele chegou protegido com o seu batalhão, mas os posseiros estava protegido com Jesus no coração, uns foi para a cidade grande, outros foi para debaixo do chão, mas agora eu mando um recado se coronel Georgino viver e Manoelito aparecer aqui em Cachoeirinha eles não entra mais não viu, meu muito obrigado. Aplausos.

**ROBSON:** Muito bem, só um minutinho pessoal que nós vamos terminar e depois do nosso companheiro só um minutinho aqui, como é que é o nome dele?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O Chico.

**ROBSON:** O Chico vou pedir você só um minutinho que depois que o companheiro aqui der o recado a Caroline ela vai falar aqui uma listagem de nomes de mortos porque às vezes ela falando vocês lembram tá, ela vai falar aqui, então só mais 10 minutinhos a gente termina tá ok? Que aqui também qualquer nós vamos ficar com a (trecho incompreensível) congelada não é verdade, tô vendo, tô conferindo, tô batendo os queixo aqui, não vem quentão companheiro.

**CARLOS:** Ele tá pedindo para ver se não grava.

**ROBSON:** A você não quer que grava, então vamos fazer o seguinte, então vamos fazer o seguinte.

**MARINA:** Deixa ela ler primeiro.

**ROBSON:** Ela lê aqui a lista de nomes a gente desliga e você dá o recado pode ser?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Não, pode ser assim, pode ser gravado mesmo.

**ROBSON:** Pode ser? Ah tá então pode ser gravado.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Eu queria saldar as companheiras, as heroínas, os heróis do nosso povo aqui de Cachoeirinha, que estão aqui dando o seu relato aqui né e dizer que para nós da Liga dos Camponeses Pobres né o que aconteceu no regime militar fascista né, nesse país que nós chamamos de regime militar que a ditadura não acabou como o professor falou, a ditadura ainda não acabou. Pelos relatos dos companheiros inclusive né a companheira, Zuina acabou de dizer aqui que alguns nomes ela não ia dizer que existe uma ditadura em cima dos camponeses, como o companheiro Geraldo acabou de falar cadê o restante das terras do povo de Cachoeirinha? Que foi entregue para 60 famílias, mas e os outros 200? Os companheiros que tem terra aqui hoje né são que tiveram que tomar na marra, como os companheiros quilombola estão lutando aí, né. Então nós queremos dizer que ainda existe ditadura e uma questão para nós da liga nem esquecimento e nem perdão, punição para os crimes de ontem e de hoje porque, ainda continua tendo assassinato como os companheiros falou do companheiro Zé Gato não foi ele não morreu de morte morrida não, companheiro ele foi é assassinado.

**GERALDA:** Assassinado, exatamente.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Cadê a punição para o Joãozinho? Tem que ter punição para o Joãozinho como os companheiros está fazendo os levantamentos dos

crimes de ontem que foi do regime militar entendeu, mas existe ditadura dos burgueses, dos latifundiários e dos estrangeiros aqui em cima dessa terra, não só aqui no norte de Minas, mas também em todo o país como aconteceu no Pará, como aconteceu no Mato Grosso, como tá acontecendo com os indígenas, com os quilombola entendeu. E eu queria falar uma questão também aproveitar essa oportunidade pra chamar os companheiros que nós temos um inimigo comum que é o latifúndio, nós não podemos se ver dividido como quilombola, indígena nós somos um povo só, nós temos que apoiar uns aos outros, nós temos que apoiar uns aos outros. Eu queria falar para os companheiros também né que nós vamos fazer uma celebração no dia 13, no dia 13 de junho e nós não falamos que é o massacre de Cachoeirinha, nós falamos que é a resistência de Cachoeirinha, que muitos companheiros aqui falou foi um massacre, mas existiu muita resistência a própria dona Isis mãe do companheiro aqui ela já relatava para nós do fogo que eles colocava no pasto. A dona Maria mulher de seu Sula falava isso e outros companheiros como o companheiro Juraci falou aqui né, porque tinham vários posseiros espalhados e não conseguiu se organizar num grupo só, mas tem vários relatos de companheiro que resistiram como o companheiro falou aqui da pessoa que respondeu lá no Juju com um tiro no pescoço. Então aqui foi uma resistência, Cachoeirinha ela é conhecida, ela conhecida companheiro porque houve resistência, porque esses massacres teve no norte de Minas inteiro em Varzelândia, em Janaúba, em Jaíba, contra o povo Xacriabá, contra o povo Quilombola, como o companheiro falou os quilombola vai quase dentro de Montes Claros até quase dentro da Bahia. Esse povo que veio pra cá e veio sendo expulso, Cachoeirinha é especial, nós colocamos como resistência de Cachoeirinha por isso que ela é conhecida porque houve resistência, houve resistência na época desorganizada, depois veio a resistência organizada. Queria saldar os companheiros que é da FETAEMG, os companheiros fala sindicato, mas esses sindicatos são dirigidos pela FETAEMG né. Queria saldar aqui o professor que está fazendo esse estudo, as estudantes, os dois historiador também que isso é muito importante, o professor Carlos aqui que nós não temos que só relatar e levantar e publicar isso. Eu acho que punição para esses crimes é entregar essas terras para o povo de Cachoeirinha é lutar para entregar essas terras para o povo de Cachoeirinha e punir esses assassinos como é o caso do João Dias, que assassinou o Zé Gato, foram 14 feridos que teve lá. Dos companheiros quilombola eu acho que tem uma questão importante que é importante relatar aqui né, que nós conhecemos, conhecemos a violência contra o povo em cima dos movimentos que são organizados e nosso país é

cheio de posseiro a principal luta no nosso país é de posseiro e quantos posseiros não são assassinados nesse país inclusive aqui no norte de Minas, aqui em Cachoeirinha. Esses companheiros levantaram aqui vários nomes, mas muitos não levantaram porque esses fazendeiros que estão em torno aqui né a companheira Zuina aqui falou não vou levantar os nomes, porque? Porque tem gente que mora na cidade aqui que é ligado à essas pessoas.

**GERALDA:** Inclusive não cortando a palavra do senhor, primeiro eu quero olhar porque aqui tinha um ainda agora.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Aqui dentro?

**GERALDA:** É, eu na reunião que eu fui lá no parque de evento que eu falei umas coisa lá, a mesma coisa que eu falei, quando eu cheguei aqui o meu nome já tava estabelecido em Verdelândia, eu tava falando de seu fulano, de seu ciclano, de seu fazendeiro e que seu fulano tinha que denunciar de mim processar de mim que eu tava falando da pessoa, que a pessoa é muito rico. Como que uma mulher pobre igual eu ia falar com um rico daquele, que ele tinha mais é que lasciar um processo em mim, para mim pagar indenização para ele, aí por isso que eu tô olhando porque aconteceu isso.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** No seu levantar aí eu saquei.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Então companheiro eu tô falando isso aqui, vocês tão fazendo essa entrevista aí com esses companheiro.

**GERALDA:** Teve isso. **INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Existiu o regime militar, mas ditadura como o professor falou no começo, a ditadura não acabou, fala que tem democracia, mas existe perseguição todos os dias aos companheiros aqui de Cachoeirinha. Esses companheiros que estão lutando lá como Juraci, esses companheiro pela luta deles como quilombola o companheiro aqui o companheiro Chico, filho de seu Jadé, sabe muito bem disso entendeu. A ditadura continua os assassinatos continuam acontecendo entendeu, as violência contra os camponeses, a expulsão do camponeses aqui continua acontecendo tanto eles quilombola, indígenas, os camponeses com terra e sem-terra. Eu queria depois que vocês levassem esse cartaz, nós não podemos ter uma foto da época de Cachoeirinha, mas essa foto aqui nós tamo achando que ela é representativa foi dos companheiros lá do Vitória que é uma das terras também, que os companheiros retomaram ela no ano de 2000, como seguidores da luta de Cachoeirinha. Esses companheiros como é o caso do companheiro Geraldo aqui né que foi menino na época né tem a foto do Vitória aqui que significa uma resistência, pessoal lutando, depois os companheiros podia pegar o cartaz, nós vamos fazer uma manifestação aqui no dia 13

uma manifestação sobre continuidade dessa resistência entendeu, no dia 13 de junho queria convidar todos vocês para participar e no dia 27, no dia 27 nós queria fazer um ato público seria um ato num lugar fechado, de preferência se a família de seu Jadé aceitasse que esse ato fosse feito lá na casa do seu Jadé, antigo palácio do coronel Georgino, que esse ato fosse feito lá, para nós fazer o que nós tamo fazendo aqui hoje, esses companheiros relatar a história, outros companheiros que defenderam, que defenderam esse povo como o Luiz Chaves, como o próprio companheiro aqui o companheiro Carlinho né como esse advogado o seu Afrânio, se ele pudesse tá nesse dia esses historiadores que estão falando aqui, seria muito importante nós tamo a liga levantou isso, mas eu acho que não é um negócio só da liga como vocês estão fazendo aqui agora é um negócio do povo de Cachoeirinha é um negócio do povo brasileiro. Eu acho que nós temos que realmente retomar essa história, mas colocando essa questão que ainda existe ditadura e que nós temos que punir, de alguma forma e acho que a principal punição é devolver essas terra para o povo de Cachoeirinha, eu queria fazer esse convite no dia 13 pra manifestação.

**MARINA:** Uma pergunta, a liga foi criada quando?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** A Liga dos Camponeses Pobres do Norte de Minas e Sul da Bahia ela existe desde 1998, mas as Ligas Camponesas como a da Galileia em 50 e 60 né, existe há vários anos, é uma continuidade da luta dos camponeses, nunca parou de lutar e principalmente os posseiros e principalmente dos posseiros que com movimento ou sem movimento eles continuam lutando. Então eu queria fazer esse convite para vocês para participar né é eu acho que seria uma honra muito grande. Amanhã nós vamo tá lá com os companheiro lá na audiência e a gente poderá fazer o uso da palavra. Aplausos

**ROBSON:** Então muito obrigado pelo companheiro das ligas só antes de passar o microfone aqui para a Caroline fazer a listagem dos nomes eu queria até fazer um esclarecimento pelo seguinte, a comissão da verdade viu companheiro das ligas, ela tá estudando o que aconteceu no passado, principalmente durante a ditadura militar, mas uma das nossas funções é fazer recomendações para o Estado, para que esse tipo de violência não perpetue né é isso que eu tô falando porque o problema da ditadura não foi só a ditadura militar, o problema da violência policial não foi só durante a ditadura militar. A seletividade de uma justiça que como a senhora disse aqui que ela é muito boa para os coronéis e ruim para os pobres também não foi só durante a ditadura militar, continua não é. Então nós vamos depois dos relatos também fazer recomendações de políticas

públicas né inclusive em relação a questão do trabalhadores rurais das comunidades quilombolas, dos remanescentes de quilombos né também da questão nós temos uma subcomissão aqui tá vendo a questão indígena inclusive já teve lá com os Xacriabás então é muito importante o registro do que aconteceu e as recomendações para que não aconteça mais, né, por exemplo, a questão da titulação né, a questão da memória tudo isso é muito importante, mas é para dizer que essas recomendações vão ser feitas para o governo do Estado e para todos os órgãos de Minas Gerais, certo? Eu vou passar então para a Caroline falar o nome e eu já quero de antemão agradecer a presença de todos vocês aqui ok, chega aqui então Carol.

**CAROLINE:** A partir de alguns documentos da CPT do MST, de outros livros referências, a gente... da FETAEMG. A gente fez uma lista de pessoas. Que nós sabemos que morreram muito mais pessoas que sofreram mais violências, não é. Vítimas do despejo de Cachoeirinha, né, do conflito de Cachoeirinha. Então nós temos uma lista de nomes desde o período de 64 a 88. É uma lista pequena, mas falta informações sobre esses fatos, então a gente gostaria de perguntar a vocês se, se lembram dessas pessoas ou de como ocorreram esses assassinatos, essas mortes dessas pessoas, tá bem? Marcionílio.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Marcionílio.

**CAROLINE:** É Marcionílio.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** é o veio das cachorras.

**CAROLINE:** Marcionílio morreu em 1967.

**MARINA:** Alguém lembra?

**GERALDA:** Antonio Manso também.

**CAROLINE:** Hum?

**GERALDA:** Antonio Manso.

**CAROLINE:** Antonio Manso?

**GERALDA:** É.

**CAROLINE:** Nós temos o Antonio Montes de Brito.

**GERALDA:** Martinho Fagundes também.

**CAROLINE:** Martinho Fagundes morreu em Janaúba, não é?

**GERALDA:** É, foi, mas foi massacre, eles mataram.

**CAROLINE:** Pistoleiro mataram, né.

**GERALDA:** Ele era daqui, foi matado também, ele tava lá.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ele tava lá, foi matado também.

**CAROLINE:** Hunhum.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Conhecia ele.

**CAROLINE:** O Antonio Manso morreu quando?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Matou.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Juju que (trecho incompreensível).

**CARLOS:** Antonio Manso morreu quando? O ano?

**GERALDA:** O ano eu não alembro, eu sei que eu me lembro que ele morava ali ò naquela ladeira, né (trecho incompreensível) aquela ladeira ali que hoje é a casa de Gimira, era a casa dele agora na época, foi nessa quadra mesmo.

**CARLOS:** Tem algum parente dele vivo?

**GERALDA:** Tem não. Ter tem, mas não mora aqui mais.

**CAROLINE:** Tá, mas ele morreu em década de 60, 67, 68?

**GERALDA:** Deve ter sido, agora o Martinho Fagundes tem umas duas filhas em Montes Claros e outra em Belo Horizonte.

**CAROLINE:** Martinho Fagundes não? Ele tinha família então já aqui com ele?

**GERALDA:** Tinha.

**CAROLINE:** As filhas já eram vivas?

**GERALDA:** Era.

**CAROLINE:** Crescidas?

**GERALDA:** Era.

**CAROLINE:** Ou pequenas?

**GERALDA:** Era crescida já.

**CAROLINE:** É BH, Montes Claros né? Elas moram em BH e Montes Claros.

**GERALDA:** É, uma Belo Horizonte e a outra em Montes Claros, Lia, Lia mora em Montes Claros, Nair agora a...

**CAROLINE:** O nome é?

**GERALDA:** Lia.

**GERALDA:** Uma chama Nair e a outra Lia, apelido Lia deve ser Maria né, é agora a outra mora em Belo Horizonte, eu não sei o nome não, ela era até casada com o fi de dona Santa de Renato.

**CAROLINE:** Hunhum, não, interessa porque a gente também lida com as crianças que foram impedidas de ter convivência com os pais, por exemplo, podem ter sido assassinados.

**GERALDO:** É.

**CAROLINE:** Então interessa a gente entrar em contato com elas no caso, é Cino?

**GERALDA:** Ursino também, tem finado Ursino.

**CAROLINE:** Não tem o Cino na verdade, tem Ursino.

**GERALDA:** Tem Ursino também.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Em Lajeado tem uma filha dele, no Lajeado.

**GERALDA:** Em Montes Claro tem uma filha de finado Ursino também, chama Socorro.

**CAROLINE:** Ursino?

**GERALDA:** É, filha do finado Ursino.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Que eles matou.

**CAROLINE:** Usino, Usino e tem Ursino né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** É tem Ursino Cardoso e tem Usino né.

**GERALDA:** Ursino Cardoso é uma rua que eu conheço, Ursino que eu conheço era esse que era.

**CAROLINE:** É diferente né.

**GERALDA:** É.

**CAROLINE:** Isso Usino então vocês não se lembram o nome dele ou sobrenome dele.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ursino Cardoso é o nome dessa avenida aqui, o pessoal falava que era o nome dele.

**GERALDA:** Não Usino era o único que morreu, que nós tá falando era da (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Ela tá falando que não é a mesma pessoa, Usino não é Ursino Cardoso.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** São 02 pessoas tem Ursino e Sino.

**CAROLINE:** Isso.

**GERALDA:** Ursino Cardoso é uma rua que tem aqui.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Isso.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Agora (trecho incompreensível).

**GERALDA:** Ursino Cardoso, agora o Sino é esse homem que morreu matado também.

**CAROLINE:** O Sino né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Eu acabei de falar que Ursino Cardoso era o nome do Usino Preto aqui foi homenagem à ele, (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Então foi homenagem, então foi assim.

**GERALDA:** Então foi homenagem. **CAROLINE:** O Ursino vocês se lembram quando ele morreu?

**GERALDA:** Foi na mesma época.

**CAROLINE:** Foi assassinado né?

**GERALDA:** Foi.

**GERALDA:** E depois o Martinho Fagundes.

**CAROLINE:** Ele morreu em 67 então?

**GERALDA:** Por aí.

**CAROLINE:** Porque aqui a gente tem duas datas prováveis ou em 64 ou em 67 né o primeiro ou segundo...

**GERALDA:** Inclusive em Janaúba eles me contaram assim que onde que ele pôs a mão assim ficou a mão dele lá.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Vocês se lembram de um pistoleiro chamado Antonio Preto?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Antonio Preto?

**GERALDA:** Conheço, conheço também ele já tá caducando já tá velhinho mora em Janaúba, antonte mesmo eu vi ele lá.

**CAROLINE:** Ele tá vivo?

**GERALDA:** Tá vivo.

**CAROLINE:** Ele que matou.

**GERALDA:** Antonio Preto, Antonio Preto pai de Neidiane.

**CAROLINE:** Deixa eu só anotar isso aqui.

**GERALDA:** A é jagunço né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** É jagunço.

**CAROLINE:** Ele mora em Janaúba?

**GERALDA:** Em Janaúba, ele mora lá, tá bem veinho.

**CAROLINE:** Em Janaúba.

**GERALDA:** Conheço ele.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** É o Antonio de Manoelito que eles falam?

**CAROLINE:** É ele trabalhava então para o Manoelito, não é?

**GERALDA:** É, ele era jagunço desse povo.

**CAROLINE:** Entendi, Antonio Montes de Brito.

**GERALDA:** Esse eu não conheci não.

**CAROLINE:** Nenhum Antonio que morreu lá, também tá aqui (trecho incompreensível) do José Guilherme cabo da PM, vocês se lembram de algum cabo chamado José Guilherme? Cabo da polícia militar?

**GERALDA:** Tinha, além do José Guilherme era um cabo.

**CAROLINE:** Ele praticava algumas ações de violência, vocês sabem?

**GERALDA:** Era, era.

**GERALDA:** Aqui tinha tanta gente envolvida que eu até já esqueci, mas (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Vocês lembram também de um outro cabo chamado Luiz?

**GERALDA:** Não, esse eu não alembro não.

**CAROLINE:** Você não se lembra né.

**GERALDA:** Tinha aquele outro também ali ò, que dava corda para amarrar o povo, Ubalde.

**CAROLINE:** Como se chama?

**GERALDA:** (trecho incompreensível), não ele dava corda para amarrar o povo, Ubalde marido de Dalva pai de Mazinho do cartório ali ò.

**GERALDA:** Não, tinha, tinha ele também. Ubalde marido de Dalva.

Tinha ué.

**CAROLINE:** Perai. Ubalde é alguém que?

**MARINA:** Amarrava pessoas.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**GERALDA:** Mas tinha ué existiu na época.

**CAROLINE:** Ubalde, ele era...? Ele fazia o que?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ele era puxa-saco.

**GERALDA:** Era puxa-saco de Manoelito, comprava corda para amarrar os posseiros.

**CAROLINE:** Os posseiros, ele era chamado de Balde.

**GERALDA:** Ubalde.

**CAROLINE:** Ubalde.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Mas ele tem fi aqui.

**THIAGO:** Que história que é essa de amarrar os posseiros, como é isso?

**CAROLINE:** Como assim amarrar os posseiros? Era para tortura ou algo assim?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Amarra no pau.

**GERALDA:** Para torturar, ele dava corda.

**THIAGO:** Como é que era? No meio da cidade?

**GERALDA:** Han?

**THIAGO:** No meio da cidade? Onde que fazia isso?

**GERALDA:** Ele comprava corda e dava e falava que tinha que amarrar os posseiros para matar, aí quer dizer que dava para amarrar para não correr né, pra ficar mais fácil para

matar. A mulher dele morreu, ele eu não sei se morreu, ele foi embora pra Bahia né, ele tem uns fi aí e a mulher dele também morreu.

**THIAGO:** Vocês chegaram a presenciar pessoas sendo amarradas e torturadas?

**GERALDA:** Hunhum, eu conheci Ubalde, eu conheci ele muito era um infeliz, ruim.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Comerciante aqui.

**GERALDA:** Ele era igual coronel Georgino mesmo, era a mesma coisa.

**CARLOS:** Vocês conheceram alguém que eles amarraram?

**GERALDA:** Ô conhecer eu não conheci não, mas o povo falou muito que ele comprava corda e dava para amarrar os pobrezinho. O finado Paulino mesmo falava comigo, o pai de Gerci ali, cansava de falar que Ubalde dava corda, dava força, dava comida para os pistoleiro que

ficava ali. Alembra agora? Eu também não alembrei dessa peste.

**CAROLINE:** É Juarez?

**JESUÍNA:** Juarez morreu, eles matou.

**CAROLINE:** Eles mataram? Em 67?

**JESUÍNA:** Marido de (trecho incompreensível) da Jaíba.

**CAROLINE:** As pessoas morreram foi no segundo despejo né de 67?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Foi.

**CAROLINE:** Quanto maior o despejo.

**GERALDA:** Primeiro despejo.

**CAROLINE:** O Juarez?

**GERALDA:** Não, esse foi no segundo. Agora os outros Antonio Manso, Martinho Fagundes foi no primeiro despejo. (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** A gente tem um registro de que o Martinho Fagundes morreu em 75, em Janaúba não é? (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** É Martino Afonso? Além do Martinho Fagundes?

**JESUÍNA:** Martinho Fagundes.

**CAROLINE:** Martino Afonso.

**JESUÍNA:** Martinho Fagundes.

**CAROLINE:** Martino Afonso?

**GERALDA:** Martinho Fagundes.

**CAROLINE:** Não é o Martinho Fagundes, é o Martino Afonso.

**CARLOS:** Ela tá perguntando se tem uma outra pessoa, que vocês conhece que chamava Martino Afonso.

**CAROLINE:** Tem outra pessoa.

**JESUÍNA:** (trecho incompreensível), tem o Martizinho que ele falou.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Ninguém conhece Martino Afonso?

**GERALDA:** Martinho Fagundes é um, Titiliano era outro.

**CARLOS:** Titiliano.

**CAROLINE:** Titiliano? Quem era Titiliano?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**CARLOS:** Ela disse que depois do despejo passou um tempo e ele morreu.

**CAROLINE:** Eu vou anotar aqui, se o senhor me der mais informações depois, por favor. Nilo Gomes?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Como é que chama?

**CAROLINE:** Nilo Gomes.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Ele é desaparecido. Vocês não se lembram?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Nilo Gomes Teles.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Han?

**CAROLINE:** Nilo Gomes Teles.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Não.

**CAROLINE:** Nilo não, né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Não lembro, não.

**CAROLINE:** Dulce Gonçalves Pereira.

(trecho incompreensível).

**CAROLINE:** Se souber de outros nomes por favor nos indiquem, ou apelido, obrigada.

Aplausos

**ROBSON:** Só um minutinho vou passar aqui a palavra para o doutor Zé Francisco que é o secretário de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, que quer dar uma mensagenzinha para todos aqui presentes e terminando a fala dele, a gente já vai agradecer a participação de todos vocês, tá ok?

**JOSÉ FRANCISCO:** Oi gente, boa tarde.

**TODOS:** Boa tarde.

**JOSÉ FRANCISCO:** É uma emoção eu posso dizer assim, estar aqui nessa data tão simbólica, eu não poderia de deixar de estar presente. (Trecho incompreensível) cumprimentá-los, abraça-los, e dizer dos meus sentimentos por ter vivido aqui tantos anos e ter conhecido vocês de perto, principalmente nos anos 70, que eram anos difíceis e se tentava abafar o que tinha acontecido, era quase um falar hoje baixinho, sussurrava. Mas uma liderança forte que aparece na região juntamente com o Jadé, com os companheiros de vocês, homens e mulheres, aí dá para lembrar os (trecho incompreensível) lá do outro lado de Manga que veio somar, o seu João de Janaúba, quando fundou o sindicato já quase nos anos 80, mas veio somar. O seu Marcelino, de São Francisco, que veio somar, o seu Eloy, que foi assassinado covardemente, mas que veio somar. O Afrânio, o Luíz, o Nelson [Oliveira], que o Chico ali lembrou dele, que foi também da CPT. Então estar nesse momento aqui com essa Comissão, essa Comissão digamos ela tem força de Estado, ela tem competência, ela tem determinação. É muito importante, claro que nós não podemos esquecer o que aconteceu, digamos simbolicamente, em 1983, aquela desapropriação para tirar da mão do covarde, que invadiu a terra de vocês, que mataram o povo, os filhos, os maridos, os irmãos de vocês, foi um reparo importante para retornar para a terra que sempre pertenceu a vocês. Mas ainda é necessário que se faça mais porque senão nós podemos esquecer. Então é necessária essa vinda da Comissão, esse ato que vai acontecer na próxima semana, de lembrar, de marcar o 13 de junho dos 50 anos do massacre de Cachoeirinha. Então eu fico no meu coração contente por estar aqui, apesar de ser uma data difícil, dura, é de levar a gente às lágrimas, é nesse sentido, mas no sentido de poder estar, então o meu coração fica aquecido, eu fico contente e isso me dá energia para a gente continuar a lembrar, para a gente continuar a fazer com o que aconteceu aqui não seja esquecido. E o ato dessa Comissão aqui hoje ele inaugura mais um momento, um novo momento em Cachoeirinha. O companheiro aqui falou antes: “ Por que tirar o nome né?” E aí por que tirar o nome? Mas é simbólico também, nós vamos continuar a falar Cachoeirinha. Mas olha nada que essa casa aqui não possa fazer. Ela pode fazer, tem poder. Quem sabe voltar a Cachoeirinha? Isso é possível, não é verdade? Tem outros aí que conseguiram. Então isso pode ser uma marca nossa, não é? Fazer um movimento de voltar com o nome de origem. Eu quero abraçar cada um com essas palavras, não vou falar mais não,

porque senão daqui a pouco eu vou começar a chorar de emoção. Oh gente obrigada por essa oportunidade.

Aplausos.

**ROBSON:** Então nós queremos agradecer a presença de todas e de todos, quero agradecer ao vereador Almir, que facultou a possibilidade de nós fazermos essa reunião aqui na Câmara Municipal. Muito obrigado, estenda por gentileza os agradecimentos aos vereadores, aos demais vereadores. Eu quero agradecer ao professor Carlos Dayrell, que organizou juntamente com o pessoal da liga e os trabalhadores. O senhor que veio lá da comunidade dos quilombolas tá certo? Quero agradecer ao pessoal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ele estava aqui até há pouco tempo atrás. Ele está ali fora, aí. Muito obrigado a todas e todos e nós vamos então produzir com muito carinho o relato sobre os acontecimentos daqui de Cachoeirinha, em respeito à memória daqueles que foram, em respeito à luta de todos vocês. E vamos fazer também recomendações ao Estado para que fatos como o que aconteceu aqui nunca mais ocorram e isso é o mais importante. Então, muito obrigado a todos e todas e uma boa tarde.

Aplausos.